

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

NARA BEATRIZ WITT

**“UMA JOIA” NO SUL DO BRASIL:
O Museu de História Natural do Colégio Anchieta, criado em 1908
(Porto Alegre/RS)**



Porto Alegre

2016

NARA BEATRIZ WITT

**“UMA JOIA” NO SUL DO BRASIL:
O Museu de História Natural do Colégio Anchieta, criado em 1908
(Porto Alegre/RS)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito para obtenção de título de Mestre em Educação.

Orientação: Prof^a. Dr^a. Zita Rosane Possamai.

Linha de Pesquisa: História, Memória e Educação

Porto Alegre

2016

CIP - Catalogação na Publicação

Witt, Nara Beatriz

"Uma joia" no sul do Brasil: o Museu de História Natural do Colégio Anchieta, criado em 1908 (Porto Alegre/RS) / Nara Beatriz Witt. -- 2016.
115 f.

Orientadora: Zita Rosane Possamai.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2016.

1. História da Educação. 2. Museologia. 3. Museu Escolar. 4. Museu de História Natural. I. Possamai, Zita Rosane, orient. II. Título.

NARA BEATRIZ WITT

**“UMA JOIA” NO SUL DO BRASIL:
O Museu de História Natural do Colégio Anchieta, criado em 1908
(Porto Alegre/RS)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito para obtenção de título de Mestre em Educação.

Aprovado em 29 de julho 2016:

Profª. Drª. Zita Rosane Possamai – UFRGS

Orientadora

Profª. Drª. Maria Helena Camara Bastos – PUCRS

Examinadora

Profª. Drª. Ana Maria Dalla Zen – UFRGS

Examinadora

Profª. Drª. Maria Stephanou – PPGEdu – UFRGS

Examinadora

Para minha família com muito amor.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço às professoras Dra. Maria Helena Camara Bastos, Dra. Ana Maria Dalla Zen e Dra. Maria Stephanou por terem aceitado o convite para participarem como examinadoras na banca de avaliação, contribuindo com seus conhecimentos e compartilhando suas experiências.

À querida professora Dra. Zita Rosane Possamai, pelo precioso aprendizado e pelas oportunidades ao longo da graduação e do mestrado; por sua disponibilidade e empenho na orientação deste estudo, bem como pela sugestão do tema e oportunidade de pesquisá-lo junto aos seus projetos de pesquisa. Muito obrigada por me acompanhar e me incentivar nesta caminhada e por tudo que me ensinou como professora e orientadora.

À equipe do Museu Anchieta de Ciências Naturais pelo acolhimento, em especial, aquele que me acompanhou incansavelmente e com motivação, o professor e coordenador do Museu, Fernando Meyer, pela atenção, contribuição e generosa disponibilidade, tornando possível a realização do estudo. Agradeço da mesma forma e com muito carinho às biólogas Dorinha Alves Muller e Silvia Roberta Cramer, que fazem parte da equipe do Museu.

À equipe do Memorial Jesuíta da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, em especial à Janaína Silva, pela prestatividade e empenho na busca de material.

Aos excelentes professores deste Programa de Pós-graduação em Educação, em especial aos da linha de pesquisa História, Memória e Educação, na qual insere-se esta dissertação, pelo aprendizado e contribuição neste processo de formação e pelo convívio na sala de aula e em eventos acadêmicos.

Às professoras, em especial, Ana Maria Dalla Zen e Maria Stephanou pela generosidade, atenção e contribuição em minha caminhada.

Aos colegas de aula Ana Cecília, Felipe, Micheli, Ana Celina e, em especial, à Natália, Celine, Carine e Ana Carolina, pela atenção, apoio e companheirismo.

Às amigas e colegas museólogas pelo apoio e motivação: Carine, Deise, Daniela, Ana, Sibelle, Karine, Aldryn, Lilian, Ludimilla e Thaís.

Ao Leandro pela atenção durante a escrita.

Aos queridos familiares pela atenção nesta importante fase, desde à etapa de seleção, sobretudo aos primos, William pelo incentivo e parceria, e à Simone e à Natália pela motivação e carinho.

Ao meu sobrinho, pelo amor e carinho, e ao meu cunhado pelo apoio e incentivo.

À minha querida mãe, Evany, e às minhas queridas irmãs, Deise e Denise, agradeço de forma especial por tudo – pela atenção, carinho, amor, apoio, força, motivação, parceria e muito mais.

Sou grata a todos que me acompanharam e contribuíram neste processo, obrigada!

Creio que o acúmulo do conhecimento sempre ocorre assim: por linhas quebradas em vez de contínuas; por meio de falsas largadas, correções, esquecimentos, redescobertas; graças a filtros e esquemas que ofuscam e fazem ver ao mesmo tempo.

Carlo Ginzburg

RESUMO

O estudo desenvolvido enfoca o Museu de História Natural do Colégio Anchieta (Porto Alegre, RS), constituído pelo padre jesuíta Pio Buck, no ano de 1908. A investigação objetiva construir a história do Museu, dando ênfase à atuação dos professores e pesquisadores jesuítas, o padre Pio Buck e o padre Balduino Rambo, cujas práticas científicas foram fundamentais para a criação e existência deste Museu. A sua fundação ocorreu dentro do cenário de criação dos primeiros museus brasileiros, em que se pode inserir os museus de História Natural, e de criação de museus de Educação em todo o mundo, em que se pode inserir os museus escolares. As coleções formadas por objetos produzidos pela indústria e por elementos coletados na natureza formavam as coleções de História Natural do museu escolar. Esses materiais funcionavam como modelos para a compreensão e representação da natureza e da realidade, no âmbito do Método Intuitivo e Lições de Coisas. O museu escolar se configurava como um novo espaço nas escolas, em especial para o ensino de Ciências e História Natural, vinculados ao contexto científico da época. Nos colégios jesuítas, havia a tradição de estudos na área de Ciências Naturais. O Museu de História Natural do Colégio Anchieta, assim, voltava-se para o ensino de História Natural e para a pesquisa, associando a tradição científica dos jesuítas com a modernidade pedagógica do ensino no novo contexto de uma sociedade científica. A abordagem deste estudo envolve a Educação e a Museologia, estabelecendo um encontro entre a história da educação e a história dos museus, estabelecendo relações entre os museus escolares e os Museus de História Natural. O estudo tece relações do Museu voltado para as práticas do ensino, no âmbito de um museu escolar, e para as práticas da pesquisa científica, no âmbito de um museu de História Natural. A investigação verifica que o Museu reunia acervo didático e científico, com caráter voltado para o ensino e para a Ciência. A pesquisa identifica o Museu como um espaço de produção científica dos jesuítas. O estudo constrói a história do Museu através de suas práticas a partir das atuações de seus agentes como professores, pesquisadores e cientistas. Adota os pressupostos teóricos e metodológicos da História Cultural, elegendo o conceito de práticas para a abordagem. Constitui o corpus documental da pesquisa, um conjunto de documentos textuais e visuais, e artefatos. Destaca que o Museu Anchieta de Ciências Naturais, denominação atual, está entre os mais antigos museus escolares e museus de História Natural no país. Constata a importância do trabalho desenvolvido no Museu do Colégio Anchieta para o escopo das Ciências Naturais e dos museus escolares. Conclui que o museu foi associado a uma rede de Museus de História Natural e de comunicação com outros cientistas e instituições

Palavras-chave: História da Educação. Museologia. Museu escolar. Museu de História Natural.

ABSTRACT

The study developed is focused on the Natural History Museum at Anchieta School (Porto Alegre, RS), by the Jesuit Priest Pio Buck, in 1908. The investigation aims to build the history of the museum, emphasizing the work of teachers and Jesuits researchers, Priest Pio Buck and Priest Balduino Rambo, whose scientific practices were fundamental to the creation and existence of this museum. Its foundation took place in the scenario of creation of the first Brazilian museums in which you can insert the Natural History Museums and creation of Education museums all over the world, where you can insert the school museums. The collections composed by objects produced by the industry and elements collected in nature formed the collections of the Natural History Museum School. These materials served as models for the understanding and representation of nature and reality, in the framework of the intuitive Method and Thing Lessons. The school museum is configured as a new space in schools, especially in the teaching of Science and Natural History, linked to the scientific context of that time. At the Jesuit schools, there was a tradition of studies in the field of Natural Sciences. The Natural History Museum at Anchieta School, like this, was turned to the teaching of Natural History and research, combining the Jesuit scientific tradition with the pedagogical teaching modernity in the new context of a scientific society. The approach of this study involves Education and Museology, establishing a meeting between the history of Education and the history of museums, establishing relations between the school museums and the Natural History Museums. The study makes relations of the museum related to teaching practices, in a school museum and for the practices of the scientific research as a part of a Natural History Museum. The research finds that the museum brought together educational and scientific collection with character for teaching and science. The investigation identifies the museum as a space of scientific production of the Jesuits. The study builds the history of the museum through its practices from the actions of its agents as teachers, researchers and scientists. It adopts the theoretical and methodological assumptions of Cultural History, choosing the concept of practices to the approach. It constitutes the documental corpus of the research, visual and textual documents and artifacts. It points out that the Anchieta Museum of Natural Sciences, the current name, is among the oldest school museums and Natural History Museums in Brazil. It shows the importance of the work developed in the museum at Anchieta School for the scope of the Natural Sciences and school museums. It concludes that the museum was associated with a network of Museums of Natural History and communication with other scientists and institutions.

Keywords: History of Education. Museology. School Museum. Natural History Museum.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Primeira sede do Colégio Anchieta - Rua da Igreja.....	32
Figura 2: Primeira sede do Colégio Anchieta - ampliação de pavilhões.....	34
Figura 3: Nova e atual sede do Colégio Anchieta.....	35
Figura 4: Gabinete de História Natural - coleção de insetos.....	45
Figura 5: Gabinete de História Natural com quadros murais.....	46
Figura 6: Quadro mural produzido pela empresa <i>Maison Deyroll</i>	50
Figura 7: Quadro mural produzido pela empresa Jung-Koch-Quentell.....	52
Figura 8: Alunos em passeios da escola.....	53
Figura 9: Gabinete de Física com quadros murais.....	54
Figura 10: Gabinete de Física.....	55
Figura 11: Museu de História Natural - coleção de insetos.....	56
Figura 12: Museu de História Natural - coleção de aves.....	57
Figura 13: Museu de História Natural - cortina para proteger o acervo.....	58
Figura 14: Vista parcial do Museu.....	61
Figura 15: Pe. Pio Buck.....	67
Figura 16: Pe. Pio no gabinete de trabalho na sede antiga do Colégio.....	69
Figura 17: Pe. Pio na sala da coleção de insetos - antiga sede do Colégio.....	70
Figura 18: Pe. Pio Buck no Museu do Colégio Anchieta.....	71
Figura 19: Pe. Pio Buck no Museu - nova sede do Colégio.....	73
Figura 20: Fernando Meyer e Padre Pio Buck no antigo Colégio.....	74
Figura 21: Pe. Rambo com a família.....	76
Figura 22: Pe. Rambo - sacerdote.....	78
Figura 23: Livros didáticos. Autor Padre Rambo. Década de 1930.....	80
Figura 24: Elementos de História Natural. Volume 1, seção de Zoologia.....	81
Figura 25: Elementos de História Natural. Volume 2, seção de Botânica.....	81
Figura 26: Padre Balduino Rambo em viagem aos EUA.....	84
Figura 27: Pe. Rambo em viagem a Cerro Largo – coleta de dados.....	86
Figura 28: Viagem de Estudos ao Rio Grande do Sul, Torres.....	87
Figura 29: Viagem de Estudos ao Rio Grande do Sul, Salto do Jacuí.....	87
Figura 30: Padre Balduino Rambo em viagem de avião.....	88
Figura 31: Pe. Rambo – docente do Colégio Anchieta.....	90
Figura 32: Gabinete de trabalho do Pe. Rambo e Pe. Pio.....	91
Figura 33: Sala de trabalho do Pe. Pio e Pe. Rambo.....	91
Figura 34: Pe. Rambo (de chapéu) – coleta de plantas para o Herbário.....	92
Figura 35: Plantas do Herbário Anchieta.....	93
Figura 36: Viagens de estudo pelo Brasil – Relatório do Colégio Anchieta.....	95
Figura 37: Viagens de Estudo pelo Brasil – Curso médio do Paraíba.....	96
Figura 38: Revista Anchieta. Centenário do MHN do Colégio.....	98

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Informações sobre o corpus documental.....	27
Quadro 2: Aquisição de acervo do MHN do Colégio Anchieta em 1926.....	48
Quadro 3: Pesquisadores que estudaram o acervo do Museu.....	63

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
2 A COMPANHIA DE JESUS: ENSINO E CIÊNCIAS.....	20
2.1 Os jesuítas: docentes e cientistas.....	20
2.2 Os jesuítas de língua alemã no Rio Grande do Sul.....	22
2.3 A fundação e a trajetória do Colégio Anchieta.....	27
3 OS MUSEUS ESCOLARES E A CIÊNCIA: O MUSEU DE HISTÓRIA NATURAL DO COLÉGIO ANCHIETA.....	37
3.1 Os museus de História Natural e os museus escolares.....	37
3.2 O Museu de História Natural do Colégio Anchieta.....	42
3.3 Os sacerdotes jesuítas e suas interlocuções com o ensino, a pesquisa e o intercâmbio científico.....	65
3.3.1 Padre Pio Buck: o fundador do Museu.....	66
3.3.2 Padre Balduino Rambo: professor, cientista e naturalista viajante.....	75
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	100
REFERÊNCIAS.....	105

1 INTRODUÇÃO

Em 1951, o padre jesuíta Gaspar Dutra, professor do Colégio Anchieta de Porto Alegre, encontrou-se com um renomado cientista nos Estados Unidos. Era o físico alemão Albert Einstein que, na oportunidade, enviou uma carta e uma foto sua aos alunos anchietanos. A carta, segundo suas palavras, era dedicada aos “jovens ou futuros cientistas”, alunos do Colégio Anchieta.

A missiva, encontrada no Colégio Anchieta em 2015, demonstra a circulação internacional dos cientistas dos museus de ciências brasileiros do início do século XX, incluindo-se os museus de ciências inseridos em espaço escolar. Também representa a inserção dos professores cientistas na época neste cenário. Desse modo, o Museu de História Natural do Colégio Anchieta se insere na história dos museus brasileiros, criados no final do século XIX e início do XX, na perspectiva dos museus de ciências e dos museus de educação. Após ser redescoberta, em comemoração aos 125 anos da escola, a carta foi exposta no Museu do Colégio em 2015, atraindo alunos e professores, inclusive a imprensa. O documento causou interesse e chamou a atenção sobre a relação do Colégio com uma personalidade do meio científico e a projeção da instituição fora do âmbito escolar.

Nessa perspectiva, quando encontrei o objeto de estudo desta dissertação - o Museu de História Natural do Colégio Anchieta, este também despertou meu interesse. Assim como a carta, este Museu foi “descoberto” em um estudo anterior sobre os museus escolares localizados em Porto Alegre (WITT, 2013), quando vislumbrei um caminho para a continuidade da investigação em nível de mestrado. Aos poucos, fui percebendo que sua inserção se dava para além da escola, que sua trajetória não se restringia à História dos museus escolares. Compreendi que sua história estava associada a um contexto mais amplo que envolve o movimento de criação dos museus de História Natural no Brasil.

Essa escolha também é resultado de um processo de aproximações às temáticas do patrimônio, da memória e da cidade, pesquisadas durante a graduação em Museologia, situadas na interface com a História e a Educação. O interesse pelos museus escolares iniciou a partir de minha participação como

bolsista de Iniciação Científica no projeto intitulado *Museu no espaço escolar: de laboratório de aprendizagem à musealização contemporânea (RS, século XX)*¹, fator decisivo para eleição da temática para o Trabalho de Conclusão de Curso em Museologia, e posteriormente para a dissertação de mestrado. Tal estudo gerou um mapeamento de museus, memoriais e acervos históricos escolares, existentes atualmente na cidade de Porto Alegre. Em tal estudo, teceu-se um diálogo teórico entre Museologia e História e o início de um contato com o campo de estudo da História da Educação. O levantamento realizado possibilitou tomar conhecimento de um rico repertório empírico, ainda inexplorado, cujas questões potencializavam futuras investigações acerca do patrimônio educativo em Porto Alegre².

A presente dissertação debruça-se sobre um museu específico, identificado no levantamento anterior: o Museu de História Natural do Colégio Anchieta. Desde sua criação, em 1908, no âmbito de uma instituição educacional, esse museu esteve voltado para as ciências naturais, atuando na esfera do ensino e da pesquisa científica. Tal espaço foi identificado como o mais antigo museu existente em espaço escolar ainda em pleno funcionamento, na cidade de Porto Alegre, tendo sido escolhido como objeto de estudo por apontar um potencial de investigação em duas perspectivas. A primeira, o insere no ensino das ciências naturais e no contexto das inovações pedagógicas decorrentes do Método Intuitivo e Lições de coisas, motivadoras da criação de museus escolares a partir do final do século XIX. A segunda, mira-o na perspectiva de um museu científico, cuja origem está vinculada à criação dos museus de História Natural do país, considerados os primeiros grandes museus brasileiros.

Ao buscar mais informações e estudos sobre o tema, na perspectiva da Museologia e da História dos museus, constatei a invisibilidade dos museus escolares, ao contrário do que ocorre na História da Educação. Este campo vem

¹ Coordenado pela profa. Dra. Zita Rosane Possamai.

² Ver mais sobre os resultados do estudo e sobre as potencialidades do patrimônio educativo para novas pesquisas, a partir do levantamento de museus escolares realizado em Porto Alegre (WITT, POSSAMAI, 2016).

produzindo relevantes estudos a partir da cultura material escolar, os quais foram fundamentais para elencar questões pertinentes a essa pesquisa³.

A procura localizou poucos trabalhos que abordam especificamente os museus escolares ou os museus de História Natural em espaços escolares como objeto central de estudo. Isso demonstra uma produção incipiente nos últimos cinco anos no país em torno do tema. Outra surpresa foi o fato do Museu de História Natural do Colégio Anchieta ainda não ter sido objeto de pesquisas acadêmicas, o que causa espanto, devido ao seu potencial histórico para a História dos Museus e para a História da Educação. Pesquisá-lo, desse modo, impôs-se como tarefa no sentido de dar visibilidade a esse espaço, tanto para a Museologia como para a História da Educação. Feitas essas considerações iniciais, cumpre uma maior aproximação com o objeto de pesquisa.

O historiador/pesquisador constrói os indícios como dados de pesquisa, mediado pela teoria, pela cultura, por sua subjetividade e pelo espaço de verdade de seu tempo. Dos indícios, as fontes mostram-se estranhas, elípticas; o espaço da criação de um novo objeto é menos um campo delimitado com precisão e mais a tessitura de uma estratégia de desvio que possibilita elaborar ângulos múltiplos de construção do próprio objeto. Desse modo, a pesquisa toma o Museu de História Natural do Colégio Anchieta como objeto de estudo, considerando que a História se nutre de indícios que auxiliam a compreender as ações humanas no tempo e no espaço.

Assim, para compreender a história do Museu de História Natural do Colégio Anchieta, a investigação partiu de perguntas iniciais pertinentes à problematização: Como foi constituído o museu? Quais usos e funções eram a ele atribuídos? Quem atuava no Museu da escola e com quais propósitos? Havia comunicação entre o Museu e seus profissionais com outras instituições museológicas e científicas?

³ Entre esses estudos, cito: (BASTOS, 2002, 2005, 2000, 2013; BERRIO, 2000; FELGUEIRAS, 2005, 2011; GARCIA, 2007; KAHN, 2014; PETRY, 2013; PETRY, GASPARELLO, 2013; PAZ, 2015; POGGIANI, 2011; POSSAMAI, 2012a, 2012b, 2014, 2015; SCHELBAUER, 2005; SILY, 2008, 2012; VALDEMARIN, 1998, 2006; VIDAL, 1999, 2000, 2012; VIÑAO, 2013).

A partir dessas indagações, esta dissertação realiza o estudo na perspectiva da História da Educação, tendo por objetivo elaborar uma história do Museu de História Natural do Colégio Anchieta, a partir de 1908. O marco temporal da investigação circunscreve-se ao ano de criação do Museu, percorrendo as décadas posteriores do século XX.

O Colégio Anchieta teve mais de uma configuração de museu escolar: o museu escolar constituído como um Museu de História Natural - e ainda Gabinetes de Física e de Química -, que utilizavam um espaço próprio para realizar suas funções; e o museu constituído por coleções de quadros murais e outros objetos produzidos pela indústria que eram utilizados para o ensino, associados a um museu escolar. Nessa trajetória é evidenciada a atuação de professores cientistas no Colégio Anchieta junto ao Museu, vinculados à Ordem dos Jesuítas. Os jesuítas alemães acompanharam a colonização alemã no sul do Brasil no final do século XIX, fundando algumas escolas, entre as quais o Colégio Anchieta, implantado em 1890, onde foi constituído o Museu de História Natural. No museu, o zoólogo Pe. Pio Buck iniciou uma coleção de insetos e o botânico Pe. Balduino Rambo constituiu o herbário.

A escolha de “Uma joia no sul do Brasil” para compor o título desse estudo se deve à matéria publicada na Revista do Colégio no ano de 2008, em comemoração ao centenário do Museu, demonstrando sua valorização na comunidade escolar. Embora possa indicar valoração, da qual o historiador deveria furtar-se, o título busca dar a ver a riqueza empírica do objeto investigado e ainda desconhecido de outras produções acadêmicas.

Na delimitação do objeto, realizo uma abordagem que envolve a História da Educação e a Museologia, a partir dos pressupostos teóricos e metodológicos da História Cultural: a História da Educação na perspectiva das práticas dos sujeitos e da cultura material escolar; a Museologia na perspectiva dos museus – dos artefatos culturais e sua relação com a sociedade. A História da Educação e a Museologia se aproximam no estudo da cultura material escolar e da história dos museus escolares, como um trabalho em que estamos sempre a fabricar narrativas para uma compreensão histórica dos fenômenos educativos. O estudo dos museus

escolares e da cultura material escolar pode apontar, conforme Nóvoa (2003), reconfigurações na História para trabalhar novos objetos e novos problemas.

Para Burke (2005), a História Cultural vem desfrutando de uma renovação, sobretudo no mundo acadêmico, vinculando essa ascensão a uma virada cultural mais ampla, pois parte da História Cultural da última geração dá ênfase em “culturas” inteiras e oferece uma saída para a fragmentação. Para Chartier (1990), a História Cultural, tal como a entendemos, tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler. Para Pesavento (2003), a História Cultural considera a cultura uma forma de expressão e tradução da realidade que se faz de forma simbólica, ou seja, admite-se que os sentidos conferidos às palavras, às coisas, às ações e aos atores sociais se apresentam de forma cifrada. Não há mais a busca de verdades definitivas.

A História Cultural é reconhecida pela utilização de determinados conceitos, marcada por uma relação específica com a temporalidade, voltando-se para objetos pouco estudados ou para renovar alguns objetos “antigos” (NUNES, 1992). Interessar-se pelos desconhecidos e mais tênues rastros, para Ginzburg (2007), é uma forma de fazer história, buscando nos indícios o fio condutor da história. Em Certeau (1994), o espaço é um lugar praticado e falar de práticas é pensar e pesquisar o cotidiano, os procedimentos. Para essa pesquisa, cabe pensar na ideia de indícios e de práticas; encontrar pistas para identificar as práticas dos professores que atuavam no museu e encontrar sentidos nessas práticas que permeiam a prática do coletivo e suas estratégias. O museu como o lugar praticado.

Como forma de evidenciar novos olhares, aponta-se o encontro interdisciplinar entre História, Museologia e Educação em perspectiva histórica. Desse encontro, Possamai (2014) ressalta a relevância da historicização das representações e práticas em educação em museus afim de melhor compreender e balizar as ações educativas no presente. Indica a atenção para a investigação, especialmente para os denominados museus de educação, o que permite observar a apropriação feita pela Educação das representações de museu, ao examinar

estas práticas específicas que permitem problematizar e relativizar seus usos tradicionais.

Para a Museologia, a autora ressalta que é fundamental aproximar-se desses museus, não apenas no sentido de conhecer a historicidade das apropriações de práticas e representações que se configuraram em artefatos e instituições museológicas, mas no sentido de verificar a permanência e as reinvenções desses museus na atualidade, reunidos em movimentos em diversos países na perspectiva da preservação do patrimônio educativo. Ainda destaca a vinculação da educação com os museus de todas as tipologias para investigação da História da Educação, uma vez que os museus surgiram e se perpetuam no tempo com forte caráter educativo; são lugares educativos que se caracterizam por colocar em evidência a relação da humanidade com os objetos.

Nesse sentido, a Museologia problematiza os conceitos de museu e coleção e sua relação com a sociedade, considerando a musealização de objetos como um processo de transformação do estatuto do objeto, retirado do contexto de origem. Nesse processo, é estabelecida uma relação entre o homem e o objeto (RUSSIO, 2010). Os objetos passam a semióforos (POMIAN, 1998), carregando novos significados atribuídos pelo homem. Cabe, assim, ressaltar na Museologia a dimensão abstrata do objeto museológico - sua capacidade de representar valores e ideais de diferentes grupos e categorias sociais (GONÇALVES, 2009). O museu permite uma negociação dos sujeitos com o seu passado, ao tornar presente o tempo por meio de uma relação de representação com a cultura material e visual (POSSAMAI, 2014).

A disseminação internacional do Método intuitivo no campo da Educação associada à produção de variados recursos didáticos (BASTOS, 2013) possibilitou um mercado crescente de produção de objetos escolares (VIDAL, 2012; FELGUEIRAS, 2011), os quais também se destinavam aos museus escolares. Objetos e novas ideias pedagógicas eram divulgados nas grandes exposições universais (KUHLMANN JR, 1996; VIDAL, 2012). Esses objetos, pertencentes ao passado da escola, constituem uma herança educativa (FELGUEIRAS, 2005). Para Viñao (2012), a cultura material tem no florescimento de museus de educação a

preocupação com a conservação, catalogação e o estudo do patrimônio. Assim, a partir desses pressupostos teóricos, foi possível pensar, nessa dissertação, a história do Museu de História Natural do Colégio Anchieta, através de seus agentes e de suas práticas.

Com o objetivo de compreender aspectos relacionados à história do Museu, a maior parte do *corpus* documental utilizado para construção desse estudo está localizado no seu acervo histórico. Também há documentação no Memorial Jesuíta na Universidade do Vale dos Sinos, em São Leopoldo. Foram importantes componentes documentais para a dissertação, os materiais: Cadernos de Lembranças do Ano Escolar (de 1901 a 1904 e de 1905 a 1911); Relatórios Anuais do Colégio Anchieta (1908, 1912, 1914 a 1972); Relatório para Inspeção Pública (1937, 1940, 1942 e 1943); Publicações Comemorativas, sendo um livro (1990) e uma revista (2008); o Relatório para a estatística dos museus (1943); e o espólio do Pe. Balduino Rambo (década de 1910 à década de 1960).

Assim, a partir de aportes teórico-metodológicos e do *corpus* empírico, a dissertação busca construir a história do Museu de História Natural do Colégio Anchieta, dando especial ênfase à atuação dos professores e pesquisadores jesuítas Pe. Pio Buck e Pe. Rambo, cujas práticas científicas foram fundamentais para a criação e existência do Museu.

Além desta introdução, o trabalho está organizado em mais dois capítulos. No capítulo 2, intitulado *A Companhia de Jesus: Ensino e Ciências*, abordo as relações da Companhia de Jesus com o ensino e as ciências; o retorno dos jesuítas alemães ao Estado do Rio Grande do Sul; e a criação do Colégio Anchieta. No capítulo 3, intitulado *Os museus escolares e a ciência: o Museu de História Natural do Colégio Anchieta*, descrevo as relações históricas entre as tipologias museu escolar e museu de História Natural, buscando situar o objeto de estudo no contexto científico educacional, no âmbito do Método intuitivo e das Lições de coisas; a criação do Museu; e as atividades dos sacerdotes jesuítas, atuando como professores pesquisadores.

2 A COMPANHIA DE JESUS: ENSINO E CIÊNCIAS

O foco inicial deste capítulo está nos jesuítas alemães que vieram para o sul do Brasil no século XIX, pois foram estes os fundadores do Colégio Anchieta e do Museu de História Natural do Colégio, objetos desse estudo. A fundação da Companhia de Jesus, na metade do século XVI, e sua atuação na América Portuguesa, no que tange à criação de diversos estabelecimentos de ensino, são importantes para compreender a relação da Ordem com a educação; com a formação dos jesuítas no âmbito intelectual e das ciências; bem como com sua produção neste campo. Para isso, apresento, inicialmente, informações acerca da criação da Ordem e de sua ação no que concerne ao ensino e às ciências.

2.1 Os jesuítas: docentes e cientistas

Desde sua gênese, a Companhia de Jesus estava associada ao ambiente universitário, aos debates entre os intelectuais e à ação em nível do ensino e da pedagogia (VAZ, 2016). Inicialmente, a Companhia de Jesus não foi pensada tendo como objetivo principal o ensino superior, entretanto, conforme Bohnen e Ullmann (1989), as autoridades eclesiásticas e civis ao perceberem, no século XVI, a boa formação dos jesuítas passaram a convocá-los para assumir cátedras nas universidades.

Conforme esses autores, o binômio orientador dos jesuítas, *Virtus et Scientia* (virtude e ciência), explicita o devotamento ao ensino e à educação como característica da ordem e sua dedicação aos colégios com o objetivo de formar homens na virtude e nas ciências. Com essa perspectiva, ainda na primeira década de sua formação, a Companhia criou e expandiu colégios existentes que lhe foram confiados em países como a França, Portugal, Bélgica, Itália, Alemanha⁴ e Espanha (BOHENE; ULLMANN, 1989).

⁴ Na época era Prússia.

Na América espanhola, os jesuítas ingressaram a partir de 1568. Na América portuguesa, chegaram os primeiros jesuítas com Tomé de Souza em 1549, liderados pelo Pe. Manoel da Nóbrega, SJ. A partir desse ano, contavam com colégios em Piratininga, Salvador, Rio de Janeiro e Olinda:

Em consulta à vasta produção bibliográfica sobre a atuação da Companhia de Jesus na América e a documentação por ela produzida, constata-se o importante papel que colégios desempenharam como centros difusores da ação jesuítica na região em que se encontravam instalados (FLECK, 2014, p.276).

Para Paiva (2004), no âmbito da afirmação dos bons costumes pelo Concílio de Trento (1546), o colégio era para a Companhia de Jesus instrumento da obra de religião e educar significava, primeiramente, formar alunos na fé. Assim, os padres jesuítas tinham colégios e neles doutrinavam e ensinavam ciências (PAIVA, 2004). Fleck (2014) ressalta que, além da função de evangelização e instrução de crianças e jovens, os colégios eram centros de formação intelectual e de difusão da cultura científica na América meridional setecentista. Como letrados, o clero pensou a organização do ensino, criando escolas como lugar da aprendizagem formal para os objetivos de uma sociedade (PAIVA, 2004). Para o autor, na visão da Ordem, a escola foi criada para ensinar, pois na compreensão dos estudos pela Igreja desde a Idade Média, colégio e fé imbricavam-se.

Segundo Dumortier et al (2000), o ensino se tornou para a Companhia de Jesus a questão geral para a formação das elites católicas do mundo. Essa missão fez com que a Companhia criasse ou se encarregasse também de instituições já existentes. Para alcançar tal objetivo, criou um programa de estudos - a *Ratio Studiorum*, cujo texto de 1599 era baseado na ideia de uma progressão intelectual cujo coroamento era a teologia, justificativa dos outros aprendizados. Através de um conjunto de regras, esse programa determinava a organização do ensino dos colégios jesuíticos, era um Código Escolar. Segundo Almeida (1980), uma metodologia de orientação aos professores, sem grande rigidez, possibilitou que a Companhia publicasse uma quantidade de obras científicas. Dentre os beneficiados com essa metodologia e pedagogia, estão intelectuais tais como Francisco de Salles, Descartes, Montesquieu, Rousseau, Diderot, Richelieu, Lamartine e Cervantes, “[...] que passaram pelos colégios dos jesuítas que ao

transmitir a moral jesuítica, não impediram o progresso da ciência moderna.” (ALMEIDA, 1980, p.22).

Ao mesmo tempo, os jesuítas ensinavam os índios na América e discutiam nos palácios da China imperial, com os sábios dessa cultura antiga e adiantada, leis da física, equações matemáticas e análises geométricas. Para Almeida (1980), os jesuítas, mais do que quaisquer outros sacerdotes de ordens religiosas, têm participado desde a fundação da Companhia de Jesus das mais altas expressões científicas, não só em Teologia, mas também em outras áreas como as ciências naturais.

A expulsão da Companhia de Jesus da América portuguesa (1759) e da América hispânica (1767) causou impactos sobre seus membros e sobre suas propriedades - nas fazendas, nas boticas e nas bibliotecas dos colégios que a ordem instalou (FLECK, 2014). A expulsão contribuiu para a supressão geral da Ordem em 1773, restaurada posteriormente em 1814 (WERLE, 2002). O processo de restauração, no Brasil no final do século XIX, iniciou-se em um período de crise e de decadência de outras ordens – dos beneditinos, carmelitas e franciscanos, uma vez que estas ordens não assimilaram novas práticas pastorais ou não se engajaram em novos setores de atividades, como a educação (WERNET, 1997). Quando os jesuítas retornaram ao Brasil no século XIX, voltados para um projeto colonizatório no sul do país, passaram a realizar atividades em todas as esferas da vida dos descendentes de imigrantes, no sentido de auxiliá-los a preservar sua religiosidade católica (WERLE, 2002).

Os aspectos da Companhia de Jesus que foram abordados neste subcapítulo são importantes para compreender sua relação com o ensino e sua aproximação com as Ciências. O próximo subcapítulo aborda a vinda dos jesuítas de língua alemã para o sul do Brasil, inseridos em um processo colonizatório dos imigrantes alemães.

2.2 Os jesuítas de língua alemã no Rio Grande do Sul

No Rio Grande do Sul, apesar da influência política do positivismo na Primeira República, o processo da Restauração Católica ocorreu de forma harmônica, tendo sido implantado pelo bispo do Estado D. Sebastião Dias Laranjeiras (RAMBO, 2002). A partir da proclamação da Independência, tornou-se mais intensa a discussão sobre um projeto de nação para o Brasil e da possibilidade de desenvolvimento com a vinda de imigrantes, como ocorreu nos Estados Unidos (KREUTZ, 2004). Segundo o autor, em um contexto de políticas para a imigração no Brasil, os povos de língua alemã formaram a primeira corrente migratória. Em torno de 250 mil pessoas chegaram ao país, a partir de 1824 até 1947.

Como resposta à laicização e à secularização da sociedade civil, no início do século XIX, a Igreja Católica colocou em prática o projeto da Restauração Católica (RAMBO, 2002). Com isso, no Brasil em meados do século XIX, inicia a substituição do tradicional catolicismo luso-brasileiro por um europeizado, com bispos reformadores e novas congregações religiosas que vieram ao Brasil em um processo de nova expansão missionária (WERNET, 1997). Conforme este autor, as ordens que se encontravam em plena decadência desde as reformas pombalinas, no período republicano, foram reformadas e reavivadas com a vinda de monges europeus. Vieram monges belgas, holandeses e alemães.

Bohnen e Ullmann (1989) ressaltam que uma das razões para a vinda de sacerdotes do estrangeiro para o Estado era o fato de ainda não existir seminário na então Província de São Pedro, até 1890, quando foi fundada a primeira instituição seminarística para formação do clero. Segundo os autores, os poucos padres à época eram insuficientes, ordenados na Diocese do Rio de Janeiro. Para garantir a permanência da Companhia de Jesus e a liberdade de ação, a Igreja católica articulou-se para formar e consolidar uma rede de escolas católicas (DALLABRIDA, 2004). Os primeiros jesuítas que retornaram ao Estado rumaram para São Leopoldo, eram espanhóis vindos da Argentina. No processo de restauração da Companhia de Jesus, os principais protagonistas no sul do Brasil foram os jesuítas alemães, segundo Werle (2002), enviados a partir de 1849 para evitar que os imigrantes perdessem sua religiosidade católica, aos moldes do Concílio de Trento. Conforme esta autora, a partir de 1869 todo o território Sul-riograndense passou a ser juridicamente considerado como missão vinculada à

Província Alemã da Companhia de Jesus. Com a expulsão dos jesuítas da Alemanha por Bismark a partir de 1872, muitos religiosos se instalaram em São Leopoldo no âmbito de um projeto colonizatório.

Segundo Kreutz (2004), a partir de 1819 até meados do século XX, o Brasil recebeu imigrantes de diversas etnias. Para os imigrantes alemães, poloneses, italianos e japoneses, o processo escolar étnico tinha peso maior por motivos religiosos e principalmente pela grande diferença linguística e cultural dos seus países de origem com o Brasil (KREUTZ, 2004). No caso dos alemães, Bohnen e Ullmann (1989) afirmam que o controle e a supervisão constantes dos padres jesuítas garantiam o bom êxito das escolas, cuja superioridade estava na direção e no material dos professores.

Para Leite (2005), a atuação da Companhia de Jesus na região do Brasil Meridional pode ser dividida em três fases: a fase espanhola, a fase romana e a fase alemã. A fase espanhola inicia em 1842, com a chegada dos padres espanhóis vindos da Argentina, que desenvolveram atividades no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina. Nesse período, foi aberto o primeiro Colégio da Companhia Restaurada em 1844, em Florianópolis, no Estado de Santa Catarina⁵. Em 1849 chegaram ao Brasil, com a missão de atendimento religioso, os primeiros jesuítas de língua alemã, provenientes da Galícia⁶. Em 1858, o fluxo de jesuítas de língua alemã, todos provenientes da Europa Central, começa a aumentar.

De acordo com o autor, a fase romana inicia em 1860, com a vinda de três padres da Província Romana para Porto Alegre, região estabelecida juridicamente em 1865. Nessa fase, os jesuítas de língua alemã assumem residência em Porto Alegre em 1867. A fase alemã inicia em 1869, com o Decreto do Padre Geral, passando a Missão da Companhia no Rio Grande do Sul da Província Romana para a Província Alemã. A Missão Alemã passou a abranger a Colônia Alemã Antiga mais a região do Guaíba até Porto Alegre; e a Missão Romana passou a ter como encargo todo o território brasileiro até São Francisco de Paula.

⁵ Fechado em 1853, em virtude de uma epidemia de febre amarela.

⁶ Áustria de então; Polônia, hoje.

Quanto à ação dos jesuítas nos territórios confiados nesse período, Leite (2005) aponta que pode ser dividida em oito blocos: 1) formação do clero, dos religiosos e do próprio contingente; 2) serviço missionário; 3) ecumenismo e diálogo inter-religioso; 4) instituições e obras pastorais; 5) apostolado educacional; 6) apostolado intelectual; 7) apostolado social; e 8) apostolado dos meios de comunicação social. Dentre eles, pode-se destacar o apostolado educacional, uma vez que o ensino e a educação foram os setores mais privilegiados pela atuação jesuítica, tendo sido uma das primeiras providências a de instalar escolas primárias paroquiais e nas capitais de Estado, e a de fundar colégios - em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul.

O autor destaca que a ênfase no ensino dos jesuítas era o ensino secundário, tendo dois estabelecimentos equiparados ao Colégio Pedro II: no Rio Grande do Sul, com sede em Porto Alegre - o Colégio Anchieta, fundado em 1890; e em Santa Catarina, com sede em Florianópolis - o Colégio Catarinense, fundado em 1906. Os estabelecimentos de ensino projetaram o nome da Companhia de Jesus com os colégios, as escolas noturnas e o ensino superior.

São Leopoldo tornou-se cidade em 1864 e como parte do projeto colonizatório que estava sendo realizado pelos jesuítas, Bredemeir (2010) destaca a fundação do Colégio Conceição na cidade, em 1869, por jesuítas vindos de Estados alemães, Áustria e Suíça. Leite (2005) ao selecionar momentos significativos da trajetória educacional dos jesuítas no Rio Grande do Sul, ressalta a criação do conjunto educacional que foi iniciado com a fundação do Colégio Conceição em São Leopoldo e que depois incluiu outros colégios, quando estes foram criados: o Colégio Anchieta de Porto Alegre em 1890; o Colégio Gonzaga de Pelotas em 1895; o Colégio Stella Maris de Rio Grande em 1899, o Colégio Catarinense de Florianópolis em 1906 e os colégios em Santa Cruz do Sul, Lajeado e Hamburgo Velho e o Seminário de São Leopoldo.

A formação jesuítica dos alunos era integral. Para tanto, não podia faltar no colégio da Ordem um salão para teatro, uma dependência ampla para ensinar música e um museu (BOHNEN, ULLMANN, 1989). Conforme os autores, a

necessidade desses novos espaços e a procura crescente pelo estabelecimento demandou a ampliação do prédio:

Segundo o Histórico do Colégio Conceição, de 15 de abril de 1897, enviado ao Excelentíssimo Senhor Presidente e Deputados da Câmara, 'O Gabinete de História Natural tornou-se em material Rio-Grandense o mais completo e cientificamente montado do Brasil. Professores e cientistas de fama, como o Dr. João B. Rick, formaram coleções e classificações únicas, como a coleção de fungos do Brasil. Outros lentes enriqueceram os gabinetes de Física e Química com os aparelhos novos do mundo científico' (BOHENE, ULLMANN, 1989, p. 10-12).

Pelo fragmento do texto, pode-se questionar a valoração dada ao Museu de História Natural do Colégio Conceição, contudo, é importante a informação que nos apresenta acerca do Gabinete de História Natural da escola. A partir da data apresentada, podemos inferir que em 1897 já havia sido criado um Museu de História Natural no Colégio Conceição, ou seja, foi constituído no final do século XIX. Segundo os mesmos autores, Bohene e Ullmann (1989), o MHN⁷ do Colégio Conceição foi criado em 1875, poucos anos após a criação da escola, em 1869. Portanto, foi criado antes do Colégio Anchieta (1890) e antes do MHN do Colégio Anchieta (1908).

Nos colégios dos jesuítas, havia a tradição de estudos na área de Ciências Naturais com a utilização de laboratórios e do museu escolar (DALLABRIDA, MARTINI, 2010). O Pe. Ambrósio Schupp, SJ - fundador do Museu do Colégio Conceição, destacou-se no campo das ciências, do ensino e da produção intelectual⁸ (BOHENE; ULLMANN, 1989). Os autores ressaltam a sólida formação europeia de alguns professores do Colégio Conceição. Dentre outros professores jesuítas que atuaram no campo da ciência, pode-se destacar Pe. Rick, SJ (1896-1946) na Micologia; e Pe. Theissen, SJ (1877-1919) como botânico e mitólogo.

Segundo Bohnen e Ullmann (1989), após resolvida a questão do espaço, o Colégio Conceição passou a voltar-se à excelência acadêmica e à realização do

⁷ Museu de História Natural.

⁸ Também foi um dos fundadores da Escola de Engenharia de Porto Alegre (BOHENE; ULLMANN, 1989).

sonho de equiparação ao Ginásio Nacional Pedro II. Em 3 de fevereiro de 1900, pelo Decreto nº 3580, o Colégio obteve o caráter e os direitos de Ginásio equiparado. Mas antes da equiparação em 1900, desde 1894 já seguia o programa do Ginásio Nacional. Segundo os autores, em 1903 o Colégio Anchieta passou a ser externato do Colégio Conceição, até 23 de junho de 1908. O Colégio Anchieta ao se tornar externato também se tornou equiparado ao Ginásio Nacional, seguindo seu programa escolar.

A escola e o ensino científico eram parte fundamental da atividade da Ordem. O Colégio Anchieta que se insere nesse quadro será o tema da abordagem da próxima seção.

2.3 A fundação e a trajetória do Colégio Anchieta

Antes de adentrar na história do Colégio Anchieta, apresento um quadro com os documentos pesquisados:

Quadro 1: Informações sobre o corpus documental

Tipo de documento	Documento/ Período	Informações	Relevância para o estudo
Documentos do acervo do Museu do Colégio Anchieta			
<i>Lembranças do Colégio Anchieta em Porto Alegre</i>	1901-1904	- Informações aos alunos sobre o ano letivo anterior. - Não tinham caráter técnico.	- Indicam as matérias escolares Ministradas.
<i>Lembrança do ano letivo</i>	1905-1906	- Regulamento do Colégio.	
<i>Lembrança para os alunos do Colégio Anchieta no ano escolar</i>	1907-1911	- Distribuição de prêmios aos alunos por matérias nas provas finais; por aproveitamento nas matérias de ensino ministradas e pelo conjunto de matérias. - Resultados finais com os nomes dos alunos e a nota. - Resultados dos exames de admissão.	

		<ul style="list-style-type: none"> - Número de alunos matriculados no ano. - Informações para o ano posterior. 	
<p><i>Relatório Anual do Colégio Anchieta: 1908, 1912, 1914 até o presente (na pesquisa foram utilizados até o ano de 1972).</i></p>	De 1908 a 1930	<ul style="list-style-type: none"> - Breve histórico de anos anteriores. - Breve crônica. - Imagens fotográficas do Colégio: de espaços internos e externos, de alunos, de professores, de atividades, entre outras. - Informações sobre a escola: atividades, ensino, método de ensino, disciplinas, corpo docente, organização dos estudos; aquisições para o museu, biblioteca, laboratórios, sala de desenho e pintura; relação dos alunos premiados, alunos matriculados, notas de exames. - Livros adotados no ensino. - Informações sobre atos, decretos e leis relativos ao colégio e à Instrução Pública. 	<ul style="list-style-type: none"> - Informações sobre o Museu. - Informações sobre os professores. - Imagens fotográficas do Museu. - Informações sobre método de ensino e a disciplina de História Natural no currículo. - Informações sobre os recursos didáticos. - Informações sobre livros adotados. - As décadas de 1910 e 1920 apresentam mais informações sobre o Método intuitivo e sobre o museu.
	1930 a 1959	<ul style="list-style-type: none"> - Em relação aos anos anteriores possuem menos informações sobre as matérias e os programas escolares e sobre o Museu. - Crônicas e notícias sobre a escola. - Publicações de pesquisas dos professores. 	<ul style="list-style-type: none"> - Trabalhos publicados pelo Pe. Rambo.
	1960 a 1972	<ul style="list-style-type: none"> - Também há menos informações sobre as matérias e os programas escolares e sobre o Museu. - A maioria das informações é acerca de acontecimentos do cotidiano da escola. 	

COLÉGIO ANCHIETA Histórico de Relatórios	1964, 1965 e 1972	- Edições do Relatório Anual com o histórico da instituição até o respectivo ano de publicação.	- Informações sobre o histórico do Museu.
Relatório para Inspeção Pública – em 2 volumes	Década de 1930 e 1940, anos: 1937, 1940, 1942 e 1943.	- Informações sobre a estrutura do Colégio: espaços da escola, funções dos espaços, planta-baixa. - Materiais didáticos, livros adotados, disciplinas, programa, professores, atividades. - Imagens fotográficas de espaços da escola.	- Imagens do Museu. - Informações sobre o Museu: acervo, atividades, estrutura física, profissionais e atribuições. - Informações sobre a disciplina de História Natural. - Informações sobre recursos didáticos.
Publicações comemorativas	Livro institucional <i>Colégio Anchieta 100 anos</i> (1990)	- Imagens e textos, ressaltando a missão e os valores da instituição. - Divisão em seções: - Seção sobre o Museu. - Seção “Destaques”: presta uma homenagem ao Padre Pio Buck, idealizador e fundador do Museu. - Seção “Ensino”: informações sobre o Museu e o ensino de História Natural.	- Na seção “Destaques” – informações sobre Padre Pio Buck. - Na seção “Ensino”, informações sobre o Museu e ressalta a boa formação científica dos alunos, destacando a História Natural desde 1908, com o museu.
	Periódico do Colégio - a <i>Revista Anchieta</i> (dezembro de 2008)	- Seção especial sobre o centenário do Museu com o título “uma joia que completa 100 anos”: com o histórico do museu e com depoimentos de ex-alunos.	- Histórico do Museu. - A importância do Museu.
Relatório Estatística dos Museus	1943	- Informações diversas sobre o museu como a data de sua criação, perfil do público, número de visitantes, atividades.	- Informações sobre a criação do museu e sua data de fundação, tipologia do museu, quem criou, quem atuava/atribuições, visitantes e acervo.
Documentos do Memorial Jesuíta da Universidade do Vale dos Sinos			
Espólio do padre Balduino Rambo	Décadas de 1910 a 1960	- Informações sobre formação e atividades como sacerdote, docente, cientista e	- Informações sobre a formação do Pe. Rambo.

		naturalista viajante no Colégio Anchieta e fora dele.	<ul style="list-style-type: none"> - Atividades no museu, na escola e fora da escola, sobre: realização e publicação de pesquisas, viagens de estudo, publicações de textos sobre o ensino de História Natural/materiais utilizados e outras atividades. - Correspondências: com cientistas e instituições científicas e com outras esferas.
--	--	---	--

Fonte: Dados da pesquisa.

Os *Cadernos de Lembranças do Ano Escolar* destinados aos alunos foram produzidos e circularam no período de 1901 a 1911 e continham informações do ano letivo anterior. Esses cadernos são os primeiros documentos existentes sobre o Colégio. Receberam denominações diversas: Lembranças do Colégio Anchieta em Porto Alegre, 1901-1904; Lembrança do ano letivo, 1905-1906; e Lembrança para os alunos do Colégio Anchieta no ano escolar, 1907-1911. Os cadernos não apresentam caráter técnico. Exibem a distribuição de prêmios aos alunos por matérias nas provas finais, por aproveitamento nas matérias de ensino ministradas e pelo conjunto de matérias; o regulamento do Colégio; os resultados finais com os nomes dos alunos e a nota; os resultados nos exames de admissão; avisos para o próximo ano e número de alunos matriculados. O interesse maior desses cadernos, refere-se à identificação das disciplinas escolares. Embora não apresentem o currículo completo, através deles, é possível identificar diversas matérias, a partir das premiações aferidas pelos estudantes, sendo possível identificar rastros no currículo escolar da disciplina de Ciências ou História Natural, bem como da utilização de Lições de coisas.

Os *Relatórios Anuais do Colégio Anchieta* foram relevantes para a pesquisa. O primeiro localizado é do ano de 1908, o segundo é do ano de 1912 e o terceiro do ano é de 1914. A partir daí, há relatórios de todos os anos, até o presente. Dentre

esses, alguns apresentam, no início, um breve histórico de anos anteriores. Em alguns anos, os relatórios são ilustrados com imagens fotográficas de espaços internos e externos da escola, de alunos, de professores, de atividades, entre outras.

Ao longo do tempo, esses relatórios sofreram algumas alterações em relação ao conteúdo e à sua apresentação. Destacam-se neles as imagens fotográficas, sobretudo as do Museu de História Natural e dos Gabinetes de Física e Química, para esse estudo. Cabe ressaltar a importância dada aos relatórios pela escola e pelo museu, pois neles eram publicados os resultados das pesquisas científicas realizadas pelos professores pesquisadores que atuavam no Museu.

Destaca-se, ainda, o Relatório para Inspeção Pública, 1º e 2º volumes, que apresentam uma série de documentos com informações das décadas de 1930 e 1940 sobre a estrutura do Colégio, como espaços, materiais didáticos, disciplinas, professores, profissionais do museu, atividades e outros, também contendo imagens fotográficas.

Após uma imersão nos documentos, foi possível tecer fios para uma aproximação com a história do Colégio Anchieta. Com o retorno dos jesuítas ao Estado em 13 janeiro de 1890, o Colégio dos Padres iniciou seu funcionamento na cidade de Porto Alegre em 1890, sob a direção do Pe. Francisco Trape. Foi denominado Colégio São José em 1897 e Colégio Anchieta em 1901. Inicialmente, funcionou com a atividade de escola primária (REVISTA ANCHIETA, 1990). Nesse período, grande parte do ensino particular estava relacionada às ordens religiosas na capital (MENEZES; TELLES, 2012). Segundo Bohnen e Ullmann (1989), em 1902, o Colégio recebeu a ajuda de irmãos maristas que permaneceram até 1928, quando passaram a fazer parte do estabelecimento de ensino da sua própria Congregação – o Ginásio Nossa Senhora do Rosário em Porto Alegre.

A partir de 1903, o Colégio Anchieta foi externato do Colégio Conceição de São Leopoldo, conforme mencionado anteriormente. Desde então, o Colégio Anchieta buscou ter autonomia novamente, concedida em 23 de junho de 1908, por Decreto presidencial (BOHNEN, ULLMANN, 1989). Com a independência do Colégio Conceição, passa a se chamar Ginásio e torna-se equiparado ao Ginásio

Nacional Pedro II e a ter o direito de realizar exames parcelados⁹. Como consequência, ocorreu uma demanda imediata de alunos.

O Colégio foi instalado em um prédio residencial, adaptado à função escolar, situado à Rua da Igreja, atual Duque de Caxias no centro da cidade (Figura 1). Nos anos de 1917 e de 1929 a escola foi ampliada com a construção de dois pavilhões, em virtude da necessidade de expansão, pois logo passaram a chegar alunos de todo o Estado. Como havia três Faculdades na capital - Medicina, Direito e Engenharia, os padres jesuítas pensaram em preparar os alunos para os cursos superiores (BOHNEN; ULLMANN, 1989).

Figura 1: Primeira sede do Colégio Anchieta - Rua da Igreja



Fonte: RELATÓRIO ANUAL (1990, p. 60).

⁹ Denominação dos exames que eram prestados para ingresso no curso superior para alunos que não frequentaram o Colégio Pedro II, elaborados pela Comissão de Instrução deste colégio.

O Colégio entrou em atividade pouco depois da proclamação da República, com valores cristãos que tiveram de confrontar-se com os valores do positivismo. Apesar disso, o Presidente da Província, Julio de Castilhos, deu apoio a diversas iniciativas da escola. A preocupação máxima do Colégio era com a orientação moral e religiosa, não era com a alfabetização, uma vez que os alunos eram admitidos com a idade entre nove e dez anos, e se já soubessem ler.

A equiparação do Colégio Anchieta ao Ginásio Nacional foi abolida em 1911 com a Lei Orgânica de Ensino, a Lei Rivadavia Correia, de 05 de abril de 1911. Nesse período, o ensino no Colégio compreendia um curso preliminar de 3 anos, um curso ginásial de 5 anos e um curso comercial de 5 anos. Na metade da década de 1920, para atender à demanda da cidade em crescimento, solicitou-se a municipalização do Colégio, o que ocorreu com o Decreto municipal n.º 43 de 20 março de 1926, passando a ser um Ginásio oficial – Ginásio Municipal Anchieta. Esta condição permitia ao colégio ter um regimento próprio e adotar o programa do Colégio Pedro II, devendo se submeter à fiscalização do ensino e manter seu corpo docente completo para ministrar todas as matérias oficiais (COLÉGIO ANCHIETA, 1964).

Depois de municipalizada, ocorre a estadualização da Escola para constituição de um Ginásio do Estado, pois o Rio Grande do Sul ainda não possuía um Ginásio Estadual como havia em outros Estados, o que ocorreu pelo Decreto nº. 4087, de 11 de julho de 1928, de acordo com as condições exigidas pelo Departamento Nacional de Ensino para a equiparação. Em 1929, mais um pavilhão da escola foi concluído para atender às exigências de melhoria das condições higiênicas e das instalações. Foram inauguradas salas maiores e mais arejadas, bem como novas salas para os Gabinetes de História Natural e para o ensino de Geografia e Desenho. Assim, o Colégio passou por ampliações, quanto a sua estrutura física, com a construção de novos pavilhões da década de 1910 até o final da década de 1920 (Figura 2).

Figura 2: Primeira sede do Colégio Anchieta - ampliação de pavilhões



Fonte: RELATÓRIO ANUAL (1965, p.14)

Na década de 1930, para o Ginásio Estadual poder receber mais alunos do interior, mais dois estabelecimentos foram incorporados - o Ginásio Municipal de Nossa Senhora do Rosário e o Ginásio Sevigné. Desse modo, o Ginásio Estadual passou a ter quatro colégios e uma nova organização, sendo dividido em Externato e Internato.

Na década de 1940, por meio da Reforma Capanema¹⁰, o Colégio deixou de ser estadualizado. No ano de 1943, foi autorizado o funcionamento dos cursos clássicos e científico, e o Ginásio Anchieta passou a ser denominado Colégio Anchieta, enquadrado na Reforma Capanema (RELATÓRIO INSPEÇÃO, 1943).

Na década de 1950, foi firmado um convênio para aplicação de um regime mínimo de Inspeção Federal com a Inspetoria Secional do Ensino Secundário, de

¹⁰ A Reforma Capanema foi instituída pelo Decreto lei n.º 4494, de 9 de abril de 1942, e autorizada pelo Decreto n.º 11465, de 3 de fevereiro de 1943, a qual permitiu seu funcionamento como Colégio e não mais como Ginásio.

acordo com a portaria de 12 de novembro de 1957 – do Ministério da Educação e Cultura e a Lei Orgânica do Ensino Secundário (RELATÓRIO ANUAL, 1959).

A contínua necessidade de expansão do Colégio e a impossibilidade de outra ampliação a ser realizada no mesmo local, impôs a busca de um novo espaço. O Colégio foi transferido para a nova sede, inaugurada em 1967, situada à Avenida Nilo Peçanha em Porto Alegre, onde permanece até hoje (Figura 3).

Figura 3: Nova e atual sede do Colégio Anchieta



Fonte: RELATÓRIO ANUAL (1966).

Este capítulo abordou a Companhia de Jesus e sua inserção na história da educação brasileira, inicialmente, em contexto colonial e, num segundo momento, em contexto pós-Independência no âmbito da imigração alemã para o Rio Grande do Sul. Por fim, apresentou informações sobre a criação do Colégio Anchieta no fim do século XIX, e percorreu sua trajetória brevemente ao longo de várias décadas. Procurei situar o Colégio no processo educacional, especialmente vinculado ao período que esteve em funcionamento em sua sede anterior.

Os escritos da instituição preocuparam-se em historicizá-la, fornecendo informações relevantes sobre a criação e a expansão do Colégio. Os documentos, especialmente os Relatórios Anuais do Colégio funcionaram como um fio condutor para o estudo, deixando rastros a serem investigados (GINZBURG, 1990, 2007). No próximo capítulo, meu objetivo é analisar como se deu a inserção do Museu na escola e seu papel para o ensino, a partir do Método Intuitivo e Lições de Coisas, e para as ciências, enquanto um museu de História Natural, abordando aspectos importantes na atuação dos jesuítas.

3 OS MUSEUS ESCOLARES E A CIÊNCIA: O MUSEU DE HISTÓRIA NATURAL DO COLÉGIO ANCHIETA

Os museus configuram-se como espaços institucionalizados de memória que preservam bens culturais, independentemente de sua tipologia.

Além da edificação, bem cultural de maior vulto, são inúmeras as instituições escolares que guardam acervos de diversos tipos: mobiliário, cadernos escolares, manuais e materiais didáticos, entre outros. Não raras vezes essas coisas materiais, escritas e visuais formam memoriais, acervos e museus escolares. A constituição desses espaços também tem uma historicidade que merece ser pesquisada, pois expressa a relação da escola e dos sujeitos envolvidos com o seu passado e com o passado da educação. (POSSAMAI, 2012b, p.117)

Partindo das palavras de Possamai, o Museu de História Natural do Colégio Anchieta detém historicidade, marcas do tempo (HARTOG, 2006). É um lugar de memória (NORA, 1993), que reconstrói o passado e não o revive (HALBWACHS, 1925). Para explorar o potencial de historicidade do Museu de História Natural do Colégio Anchieta, reconstruindo sua história, este capítulo apresenta o percurso da instituição a partir do ano de sua fundação em 1908, com ênfase aos seus agentes e suas práticas (CERTEAU, 1994, 2008). Para contar essa história, apresento o capítulo com três divisões. A primeira parte situa os museus de História Natural e os museus escolares em seus contextos históricos de criação, buscando relações entre eles. A segunda parte inicia a história do Museu de História Natural do Colégio Anchieta, explorando aspectos de sua fundação. Por fim, na terceira parte aborda a trajetória do Museu através das relações dos seus agentes - sacerdotes jesuítas, através de suas práticas - ensino e pesquisa no âmbito das Ciências.

3.1 Os museus de História Natural e os museus escolares

Os museus de História Natural têm sua origem nos “Gabinetes de Curiosidades”, que por sua vez se constituíram a partir de coleções principescas, que passaram a ter espécimes de História Natural com a descoberta de novos continentes. Com isso, a prática do colecionismo foi intensificada entre os séculos XV e XVI. Os museus de História Natural têm como antecedente esses espaços que passaram, entre os séculos XVI e XVII, a voltarem-se para o trabalho de

conhecedores do mundo natural. Tornaram-se espaços de pesquisa e de conhecimento. O saber científico passou a ser essencial quanto à origem das espécies e para ordenar os acontecimentos evolutivos (SANTOS, CHAGAS; 2007).

Em Portugal no século XVIII, as práticas iluministas de Pombal e sua política governamental apontavam seu interesse científico com as Viagens Filosóficas¹¹ (LEITE, 1995). O conhecimento dos países europeus sobre as Colônias era ampliado com as explorações científicas de naturalistas viajantes, que tinham o interesse em estudar o ambiente físico e coletar material para as metrópoles. Esse foi o caso da Coroa Portuguesa, no âmbito de sua orientação mercantilista de exploração dos recursos naturais do Brasil.

Os museus de História Natural corporificaram-se como espaços de consolidação da ciência moderna emergente na Europa, a partir do século XVIII, calcada na classificação e no conhecimento enciclopédico, onde os naturalistas puderam transformar os gabinetes de curiosidades em instituições públicas de produção e disseminação de conhecimento. No século XIX, a razão, a educação e o progresso promoveram a classificação do mundo natural. O aparecimento de uma ciência do olhar, da observação e da verificação produzia uma nova vontade de saber, o decifrar o homem deslocava a chave de decifração do mundo de Deus para a natureza (VIDAL, 1999).

Novas teorias que expunham hierarquicamente e evolutivamente o mundo e a humanidade dividiram os povos avançados daqueles considerados atrasados (SCHWARCZ; DANTAS, 2008). As coleções e os museus constituíam-se em locais desse percurso:

De sua gênese aos dias atuais, a instituição museológica científica percorreria um extenso caminho onde se teria plasmado e transformado sua identidade e suas funções, de acordo com os contextos sociopolíticos e culturais em que se encontrava inserida. Não obstante as modificações sofridas por tal espaço em seu percurso no tempo, muitas de suas

¹¹ As viagens filosóficas eram expedições organizadas e realizadas pelos portugueses no final do século XVIII, para o treinamento de naturalistas, que deveriam seguir as “instruções de viagens” propostas por Domingos Vandelli, naturalista italiano, que criou o Real Jardim Botânico em Portugal, incumbido pelo rei dom José I.

características primordiais permanecem até a atualidade delineando seu perfil e suas funções. (LOUREIRO, 2003, p.88-89)

No Brasil, ainda na Monarquia no início do século XIX, o imperador D. Pedro I apresentou-se como um mecenas das ciências, reunindo artefatos cuja coleção particular denominou de museu, e não de gabinete (SCHWARCZ; DANTAS, 2008). No século XIX, o cenário científico de criação dos primeiros museus de ciências brasileiros era permeado pelo “[...] positivismo, naturalismo e evolucionismo, acrescidos da influência do romantismo em suas reflexões acerca da cultura nacional em oposição aos aspectos coloniais [...]” (LOUREIRO, 2003, p.89).

Os primeiros museus brasileiros foram as primeiras instituições científicas, uma vez que ainda não havia universidades. Este período é denominado por Schwarcz (2012) de “a era brasileira dos museus no Brasil”. No início do século XIX foi criado o Museu Real (depois denominado de Museu Nacional) em 1818. Entre a segunda metade do século XIX e início do século XX foram criados: o Museu Paraense Emílio Goeldi em 1871; o Museu Paulista em 1893; o Museu Paraense em 1890; o Museu Julio de Castilhos em 1903, além de outras iniciativas em outras províncias do Império (LOPES, 1997). Orientados pelo interesse em introduzir o Brasil nas nações civilizadas e pelos parâmetros do evolucionismo e positivismo vigentes, estas instituições contribuíram para consolidar as Ciências Naturais no país e acumular conhecimento, sobretudo sobre a fauna, a flora e os povos.

Além do caráter científico, os museus de História Natural também se preocuparam com seu caráter educativo. O Museu Nacional tinha a função educativa prevista nos decretos e regulamentos; ministrava cursos e conferências, caracterizando-se como espaço de formação e de instrução pública (SILY, 2012). Conforme o autor, passou a atender o público escolar, seguindo as demandas dos estabelecimentos de ensino através do conhecimento científico produzido no Museu e do uso dos materiais didáticos do tipo visual, produzidos e disponibilizados para professores e alunos.

No Museu do Estado do Rio Grande do Sul, criado em 1903, atual Museu Julio de Castilhos, nas primeiras décadas de funcionamento preponderou a formação de coleções de Ciências Naturais. Segundo Possamai (2012a), além da

preocupação com os pesquisadores, este museu também se voltava para aguçar os sentidos de um público escolar através de exemplares da natureza:

Observa-se, dessa forma, que o Museu do Estado caracteriza-se como uma instituição com uma dupla missão, a exemplo de museus de ciências em outras partes do mundo. A preocupação com a missão educativa, propiciada pelo conhecimento de suas coleções, passava, segundo Rodolfo Simch, pelo alcance de saberes úteis à sociedade [...]. No desfrute dos saberes de sua coleção a visita escolar constituía-se na forma mais recorrente. (POSSAMAI, 2012a, p.10)

O Museu Nacional e o Museu do Estado do Rio Grande do Sul colaboraram com as escolas elaborando coleções escolares com rochas, minerais e amostras do solo do Estado e do país, que eram enviadas às escolas. O *Pedagogium*, constituído em 1890, a partir de um movimento internacional de museus de Educação do final do século XIX e início do século XX (BASTOS, 2002; BERRIO, 2000), foi um museu criado como centro de formação de professores, também contribuindo para esse processo. Através dos cursos, conferências, gabinetes e laboratórios com os mais modernos métodos e material de ensino representou o “símbolo da modernidade educacional” (BASTOS, 2002), no qual também se inseriram os museus escolares.

Possamai (2015) define museus de educação para designar materiais, espaços e instituições, configurados desde a modernidade com temáticas vinculadas à educação, relacionados à instrução ou ensino. A autora inclui nessa tipologia os materiais didáticos produzidos para Lições de coisas; os museus conformados no espaço da escola e os museus locais, regionais ou nacionais de educação. Estes últimos, os denominados pedagógicos foram constituídos no mesmo cenário dos museus escolares. Para Possamai (2012a), a criação do *Pedagogium* demonstra uma preocupação na educação brasileira com a criação de museus “coadjuvantes” do ensino, os museus escolares.

Os museus escolares deviam ser criados nos estados com materiais para o ensino para as Lição de coisas. “Lição de coisas” era o método de ensino concreto que permitia a visualização real e concreta dos temas tratados nas aulas e nos compêndios escolares, pautado nos sentidos, especialmente a visão (BASTOS, 2000, 2005). Foi considerado o método mais adequado à instrução das classes

populares por ser capaz de reverter a ineficiência do ensino escolar (SCHELBAUER, 2005). Lições de coisas foi preconizado pela primeira vez na legislação brasileira por Leôncio de Carvalho em 1879, (BASTOS, 2013). Rui Barbosa indicou a constituição de coleções escolares, de museus escolares e do Museu Pedagógico Nacional em 1882. O decreto nº 980 de 1890 estabeleceu que cada escola primária devia ter, além das salas de classe e outras dependências, sua biblioteca especial e um museu escolar provido de coleções mineralógicas, botânicas e zoológicas, de instrumentos e de quanto fosse indispensável para o ensino concreto (BASTOS, 2000).

Para Kuhlmann Jr. (2013), museu era sinônimo de material didático utilizado nas Lições de coisas. Com vistas a uma educação científica, os museus escolares surgiram dessas transformações, encarregados da produção de conhecimento através da formação, classificação e catalogação das coleções. Esses museus, criados nas escolas, foram inseridos nos rumos da História Natural para o ensino da mesma e com a necessidade de ampliar o alcance da educação popular (LOPES, MURRIELO, 2005).

As coleções formadas por objetos produzidos pela indústria e por elementos coletados da natureza formavam as coleções de História Natural do museu escolar. Esses materiais funcionavam como modelos para a compreensão e representação da natureza e da realidade, no âmbito do Método Intuitivo e Lições de Coisas. Dentre os museus de educação, a tipologia museu escolar se configurou como um novo espaço nas escolas, em especial para o ensino de Ciências e de História Natural, vinculados ao contexto científico da época.

Entre os museus escolares, estudos apontam aspectos diferentes em relação a sua constituição e caracterização. Petry (2013) identificou a imprecisão conceitual do termo museu escolar, com diferentes sentidos atribuídos e objetos que o compuseram. Segundo a autora, a denominação “museu escolar” era associada a algumas formas de constituir um museu na escola, que poderia ser o armário ou a estante que abrigava e exibia os materiais ou poderia ocupar uma sala, um gabinete para coleções. Os objetos podiam ser coletados, organizados ou comprados por professores e alunos. Seu estudo verificou que poderia se referir

a uma coleção de quadros, os quadros murais, exposta na parede da sala de aula, apresentando conhecimentos diversos. Essa coleção também era considerada um museu escolar. Os quadros murais, fabricados pela indústria, através das imagens auxiliavam para explicar a classificação da natureza e os processos de fabricação de produtos.

Alguns estudos sobre museus escolares identificaram a criação de museus de História Natural nas escolas a partir do início do século XX (PETRY, 2013; WITT, 2013). Um desses museus, ainda existente, é o Museu de História Natural do Colégio Anchieta, atualmente denominado de Museu Anchieta de Ciências Naturais, objeto deste estudo, que será abordado a seguir.

3.2 O Museu de História Natural do Colégio Anchieta

No âmbito da História da Educação, que ampliou seus objetos e documentos de pesquisa inspirada pela História Cultural, os museus podem ser apontados como tema de investigação, especialmente os museus de educação. Nesta pesquisa o Museu de História Natural do Colégio Anchieta é tomado como foco da investigação para contribuir com a história dos museus. O objeto de estudo, o Museu, é um espaço de práticas (CERTEAU, 1994, 2008) através da ação de seus sujeitos.

A história do Museu de História Natural do Colégio Anchieta inicia em 1908, na segunda década de funcionamento da instituição escolar e no mesmo ano da vinda do Pe. Pio Buck para atuar como professor da instituição. Pe. Pio é considerado o fundador do Museu, idealizador e também responsável pelo seu desenvolvimento, ao ser incumbido pelo Reitor do Colégio para iniciar o Museu (SPHOR, 2011).

Embora o Museu estivesse funcionando desde sua fundação, Pe. Pio oficializa a sua criação em 1917, após retorno ao Brasil e ao Colégio Anchieta, uma vez que estava afastado para complementar sua formação no exterior (RELATÓRIO ANUAL, 1922).

A trajetória do Museu do Colégio Anchieta está atrelada à história da instituição escolar e aos padres da Companhia de Jesus, que atuaram na escola como professores e junto ao Museu como cientistas e naturalistas, fazendo coleta, organização, identificação e estudo de coleções, produção de pesquisas, intercâmbio científico e divulgação das pesquisas. Dentre eles, destacam-se pela permanência e atuação junto ao Museu, os padres Pio Buck e Balduino Rambo.

Conforme visto anteriormente, o Colégio Anchieta foi fundado em 1890 e posteriormente tornou-se externato do Ginásio Nossa Senhora da Conceição. Tornou-se estabelecimento independente em 1908, mesmo ano que o Museu foi fundado. Poder-se-ia questionar se é possível estabelecer alguma relação da criação do Museu de História Natural no Ginásio Anchieta com este fato. Seria condição para a equiparação possuir um museu como forma de cumprir o programa do Colégio Pedro II, uma vez que o Ginásio Conceição já possuía um Museu de História Natural?

Outro acontecimento que também marca o ano de criação do Museu é a inclusão do 6º ano como o último ano do curso secundário¹² (CADERNOS DE LEMBRANÇAS, 1909). Este fato chama a atenção, pois os dois últimos anos ginasiais compreendiam justamente o ensino de História Natural. Assim, é possível perceber que a investigação do museu escolar, de suas práticas e de seus usos, constitui-se em uma forma de pesquisar as práticas (CERTEAU, 1994, 2008) da escola, bem como a cultura material escolar (NÓVOA, 2003).

Como referido antes, o Museu de História Natural foi criado em 1908 como um museu escolar¹³. Funcionava em um espaço na escola adaptado para seu funcionamento¹⁴. Não era aberto ao público em geral, sendo destinado aos alunos e cientistas, cuja entrada era gratuita (ESTATÍSTICA, 1943).

¹² Até o ano de 1907 compreendia somente até o 5º ano.

¹³ Conforme documento relativo ao ano de 1943 para a Diretoria de Estatística dos Museus, preenchido pelo diretor do Museu de História Natural do Colégio Anchieta - Pe. Pio Buck.

¹⁴ O primeiro prédio onde funcionou o colégio foi adquirido por compra, o qual tinha uma função diferente da escolar, assim precisou ser adaptado para a nova função, bem como o espaço para o funcionamento do Museu.

O período em que começam a figurar informações acerca do Museu no Relatório Anual da escola coincide com o início da utilização do Método intuitivo com a aplicação de Lições de coisas. No ano de 1912, Lições de coisas era utilizado no ensino do Colégio Anchieta e no ano de 1913 passou a fazer parte do seu programa oficial do ensino (RELATÓRIO ANUAL, 1912; 1913). Lições de coisas era ministrada como disciplina no Curso Preliminar e junto ao ensino de ciências nos cursos Preliminar e Ginásial, o que se pode inferir através dos livros adotados 1) *Licção de Cousas para o Curso Preliminar* e 2) *Guarrigues (M. B. de Manoel), breves leituras sobre ciências, artes, indústrias, para o ensino elementar e ginásial* (RELATÓRIO ANUAL, 1912, 1913).

No Relatório Anual do Colégio Anchieta de 1912 foram apresentadas as primeiras informações sobre o Museu e sobre o aumento da sua coleção. Destaco que, em alguns desses relatórios, o Museu também é denominado Gabinete de História Natural. Pe. Pio Buck é citado como o grande colaborador para o aumento da seção de insetos. A ampliação do acervo se dava pela coleta, compra ou doação. O Museu recebia material de professores, padres, cientistas e profissionais de outros museus do Brasil e do Exterior (RELATÓRIO ANUAL, 1912).

Quanto às doações, eram valorizados os materiais e exemplares da natureza recebidos por essa forma de aquisição, o que pode ser percebido pelas palavras de agradecimento do Museu aos doadores: “Agradecimentos efusivos a nossos dedicados favorecedores e bem assim aos jovens cientistas [sic] que tão inteligentemente zelaram os interesses do nosso museu.” (RELATÓRIO ANUAL, 1913, p. 25). Isso indica um envolvimento da comunidade escolar e científica com o Museu.

Embora conste informações acerca do Museu nos Relatórios Anuais desde o início da década de 1910, as primeiras imagens do Museu que foram localizadas são do ano de 1926 (Figuras 4 e 5). Isso pode ter ocorrido, pois nesse período o Colégio estava em busca da municipalização e estadualização como forma de obter

equiparação ao Ginásio Nacional – ao Colégio Pedro II, o que exigia ter e demonstrar condições necessárias, avaliadas pela Inspeção Pública, como a estrutura oferecida pelo colégio para o ensino da disciplina de História Natural.

Figura 4: Gabinete de História Natural - coleção de insetos

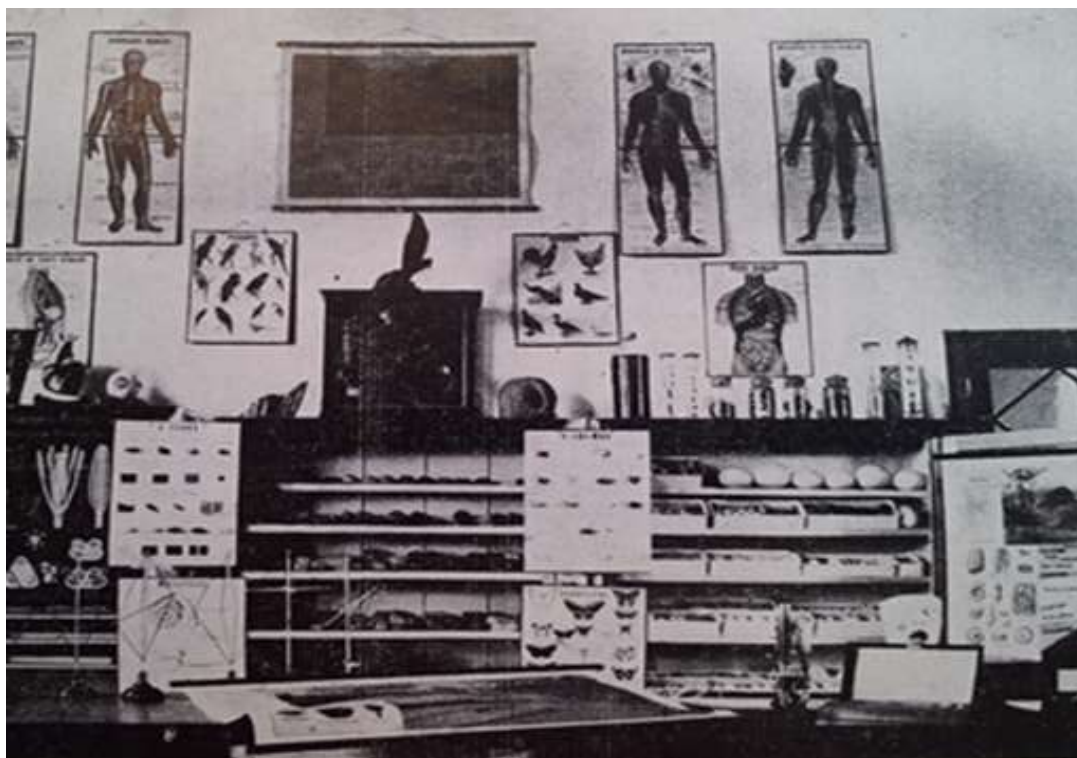


Fonte: RELATÓRIO ANUAL (1926).

Na imagem acima estão expostas caixas de madeiras fechadas com vidro onde eram conservados os exemplares da coleção de insetos. Aqui é possível questionar se o acervo foi disposto assim para a fotografia, para mostrar o maior número de caixas.

Na próxima imagem estão expostos exemplares da natureza, como os minerais dispostos nas prateleiras e também materiais industrializados, como os quadros murais e quadros sobre o corpo humano, alguns expostos na parede.

Figura 5: Gabinete de História Natural com quadros murais



Fonte: RELATÓRIO ANUAL (1926).

O uso de material coletado na natureza e de artefatos e imagens produzidos pela indústria, incluindo os quadros murais, estava associado à Lição de coisas, como uma das estratégias pedagógicas do Método intuitivo (VALDEMARIN, 1998; BASTOS, 2013; KAHN, 2014). Por isso, para dar conta dos recursos didáticos necessários para uma aprendizagem a partir dos sentidos, especialmente do olhar (VIDAL, 1999), além do acervo coletado o museu adquirira muitos materiais didáticos.

O Museu adquiriu ao longo do tempo muitos objetos pedagógicos produzidos pela indústria. Os materiais quando eram recebidos pelo Museu de História Natural figuravam no Relatório Anual como acréscimos ao acervo do museu. Esse acréscimo nas coleções foi possível identificar em alguns anos. Esses materiais compunham o acervo didático do Museu utilizado para o ensino de História Natural,

no âmbito das Lições de coisas, destacada para a iniciação nas ciências naturais¹⁵ (RELATÓRIO ANUAL, 1913).

Entre esses recebimentos de acervo, no ano de 1912, ocorreu um acréscimo na seção de Zoologia com exemplares naturais relativos a dez diferentes coleções e de quadros murais coloridos de Jung-Koch-Quentell¹⁶:

Acresceram também os quadros murais coloridos de Jung- Koch-Quentell que exibem, nitidamente descritos, representantes típicos da escala zoológica, com os seus órgãos principais, sua evolução e muitas secções que lhes integram o estudo. (RELATÓRIO ANUAL, 1912, p. 21)

O fragmento do texto exposto no relatório demonstra a importância do recurso didático visual como material pedagógico para o ensino de História Natural ou Ciências, o que pode também ser percebido pela aquisição ocorrida no ano de 1913:

- 10 quadros murais coloridos de Jung- Koch-Quentell;
- Uma coleção de 50 plantas brasileiras e 100 estrangeiras;
- 63 minerais e rochas;
- Mais de 90 Coleópteros;
- 44 Hymenopteros;
- 35 Dipteros;
- 198 Hemipteros;
- 6 Neuropteros;
- 52 Orthopteros;
- 5 Thysanuros;
- 7 Myriapodes;
- 25 Arachnoides;
- 6 Crustaceos.

¹⁵ A disciplina de História natural compreendia Geologia, Mineralogia e Zoologia; Ciências Naturais compreendia Física, Química, Mineralogia, Geologia e Biologia (RELATÓRIO ANUAL, 1913).

¹⁶ Empresa alemã fabricante de quadros murais.

A importância referida acima confirma-se com a aquisição em 1914, através da qual o Museu obteve um acréscimo de 140 quadros murais da empresa *Maison Deyrolle* e um aumento na coleção de insetos com cerca de 1200 espécies (RELATÓRIO ANUAL, 1914).

Percebe-se a importância desses materiais e dos quadros murais para o ensino de História Natural e Ciências para aplicação das Lições de coisas no âmbito do Método Intuitivo, como pode ser observado também na aquisição pelo Museu no ano de 1926¹⁷. O Museu obteve muitos acréscimos ao seu acervo, dentre eles muitos quadros murais, conforme o Quadro 2.

Quadro 2: Aquisição de acervo do MHN do Colégio Anchieta em 1926

Seções	Exemplares/materiais
Seção I	120 quadros do Museu Escolar (les Fils d'Emile Deyrolle) sobre anatomia humana, Zoologia, Botânica, Mineralogia, Geologia com muitas amostras.
	80 quadros (Jung-Koch-Quentell) para o ensino de Zoologia e Botânica systemáticas, bionômicas, etc.
	4 quadros anatômicos do homem, inclusive esfolado (J. F. Schreiber).
	5 quadros de histologia vegetal (Dr. Ahles).
	7 quadros (Dr. E Fraas) da geologia histórica: desenvolvimentos da terra e de seus habitantes.
	15 quadros tecnológicos.
Seção 2	Coleção de 250 minerais (cristais e compactos), de 20 cristais-maclas e de 25 pseudomorfoses.
	Coleção de minerais e petrificações rio-grandenses.
	Coleção de 200 rochas (brasileiras e estrangeiras) magmáticas, metamórficas e sedimentares.
	Coleção de 180 fosseis das diversas épocas geológicas.
	45 caixas (de Kagerah), contendo matérias primas e transformações para o ensino de História Natural e da Química.
	Mais de 300 substâncias para o ensino industrial, tecnológico e merciológico.
	Modelos do olho, ouvido, coração, encéfalo, aparelho urinário, faringe, laringe do homem.
	Partes do esqueleto humano. Coleção de animais conservados em vidro ou empalhados.
	50 caixas, contendo sobretudo insetos, também miriápodes, aracnídeos, crustáceos.

¹⁷ A partir da década de 1930, sobretudo, os Relatórios Anuais do Colégio passam a sofrer alterações, não apresentando mais informações relativas aos acréscimos nas coleções do museu. A partir desse período, os Relatórios para a Inspeção Pública, apresentam informações sobre os materiais do acervo.

Seção 3	Coleção de 170 madeiras rio-grandenses.
	Herbário com fanerógamos, fetos, musgos, fungos, líquens, etc.
	Aparelhos para demonstrar fenômenos fisiológicos vegetais.

Fonte: RELATÓRIO ANUAL (1926).

Como pode ser observado no quadro acima, os materiais eram organizados por seções. Infere-se que essa distribuição poderia estar associada à organização/guarda dos materiais utilizados para o ensino em seções. A seção 1 compreende uma coleção de quadros murais abrangendo temas variados, a seção 2 compreende uma coleção de diversos minérios e a seção 3 compreende materiais relacionados à Zoologia e à Botânica e, ainda, equipamentos para uso nas aulas. Pode-se destacar nessa aquisição o maior número de itens de quadros e de minerais. Como em outras aquisições pelo MHN, os quadros murais eram obtidos em grande quantidade, o que demonstra, entre os objetos produzidos pela indústria, a sua importância como material didático para o Método intuitivo e sua aplicação com as Lições de coisas para o ensino de História Natural. A partir do quadro acima também pode-se ter uma ideia dos materiais que formavam os museus escolares e de sua função:

Eram constituídos por quadros parietais, estruturados por campos de saber, acompanhados por conjuntos de frascos com produtos relativos às diferentes componentes das *lições de coisas*: produtos alimentares, de diferentes indústrias, materiais de construção, matérias-primas usadas no aquecimento e na iluminação, minerais e fósseis, herbários, gravuras de insetos, mamíferos, aves e peixes, produtos químicos usuais, miniaturas ou gravuras de aparelhos da física e de instrumentos agrícolas. Na sua concepção, o museu escolar era um conjunto de materiais didáticos para o ensino das ciências da natureza e compreensão das indústrias e trabalho a elas associadas, desde a agricultura à extração de minerais ou à produção de objetos comuns. Esse conhecimento era considerado relevante para a cultura das populações e os quadros tanto podiam revestir as paredes como ser pendurados segundo o tema a estudar pelos alunos. (FELGUEIRAS, 2011, p. 82)

Os quadros murais, também chamados de quadros parietais, tinham a função de mostrar visualmente espécimes, estruturas, sistemas e processos que seria difícil de mostrar de outra forma na época e através da imagem destacar o caráter científico do estudo, conforme salienta Guerra (2008). De acordo com os temas que tratavam, eram produzidos com representações de dois tipos: da natureza, com ilustrações que buscavam retratar a variedade da flora, da fauna e dos minerais; e dos processos da indústria. Os que descreviam a natureza apresentavam uma descrição minuciosa de suas partes.

Voltados para o ensino de História Natural, como parte da coleção didática que o MHN possuía, foram localizados diversos quadros murais no atual acervo do Museu, dentre eles, os fabricados e comercializados pela empresa francesa *Maison Deyrolle* (Figura 6).

Figura 06: Quadro mural produzido pela empresa *Maison Deyrolle*



Fonte: ACERVO HISTÓRICO DO MUSEU (s/d).

Entre diversas empresas e nacionalidades que fabricavam materiais didáticos, a empresa *Maison Deyrolle* fundada em 1866, produz e comercializa quadros murais e outros objetos para o ensino até hoje. Alguns quadros continham uma descrição do que estava sendo mostrado, como complemento à informação visual que deveria se impor. O quadro mural acima integra uma edição elaborada pela *Maison Deyrolle* em português, que abordava espécimes locais da fauna, flora e mineralogia brasileira, voltada para o Brasil e, ainda, para Portugal.

Cabe salientar que o MHN também possui, dentre o acervo atual de quadros murais, uma pequena coleção que foi produzida pelo Museu Nacional, no Rio de Janeiro, para fornecer material didático aos museus escolares brasileiros e mostrar aspectos brasileiros da natureza (SILY, 2008).

Outra empresa que forneceu quadros ao MHN do Colégio Anchieta foi a empresa alemã *Jung-Koch-Quentell*. Muitos quadros do acervo atual são dessa empresa. Segundo Guerra (2008), a Alemanha foi o primeiro grande produtor de materiais para o ensino e a predominância deles demonstra o importante papel da pedagogia alemã, sobretudo na concepção e criação desses recursos pedagógicos. O caderno de acompanhamento aos quadros murais da empresa alemã, é outro exemplo. Elaborado para o uso do professor¹⁸, este material também pode explicar a denominação que aparece nos quadros “Jung-Koch-Quentell” referente a sua produção. Segundo a tradução da capa do caderno, os quadros murais eram redigidos, ilustrados e publicados por Heinrich Jung, professor na Escola Secundária para meninas de *Darmstadt*; com colaboração do professor Dr. G. von Koch (professor de zoologia) e do Dr. Fr. Quentell. Eram editados por *Frommann e Morian* (JUNG et al, 1894).

A maioria dos quadros murais dessa empresa tinha fundo preto com imagens coloridas, causando bastante contraste, como o que está apresentado a seguir (Figura 7). Em sua maioria, não possuíam legenda ou alguma descrição acerca do que estava sendo representado; as inscrições se referem aos dados do fabricante.

¹⁸ Este caderno é acervo do Memorial Jesuíta da UNISINOS, que faz parte dos documentos que integram o espólio do Padre Rambo, o qual era utilizado por ele.

Figura 07: Quadro mural produzido por *Jung-Koch-Quentell*



Fonte: ACERVO HISTÓRICO DO MUSEU (s/d).

O acervo do Museu incrementava ainda sua coleção através da coleta realizada por alunos e professores, em passeios e excursões da escola (Figura 8). Nas férias escolares os alunos coletavam espécimes nas chácaras do Colégio Anchieta e do Seminário de São Leopoldo (RELATÓRIO ANUAL, 1922), orientados pelos professores de História Natural e Ciências do Museu, caracterizando uma de suas práticas (CERTEAU, 1994, 2008).

Figura 8: Alunos em passeios da escola



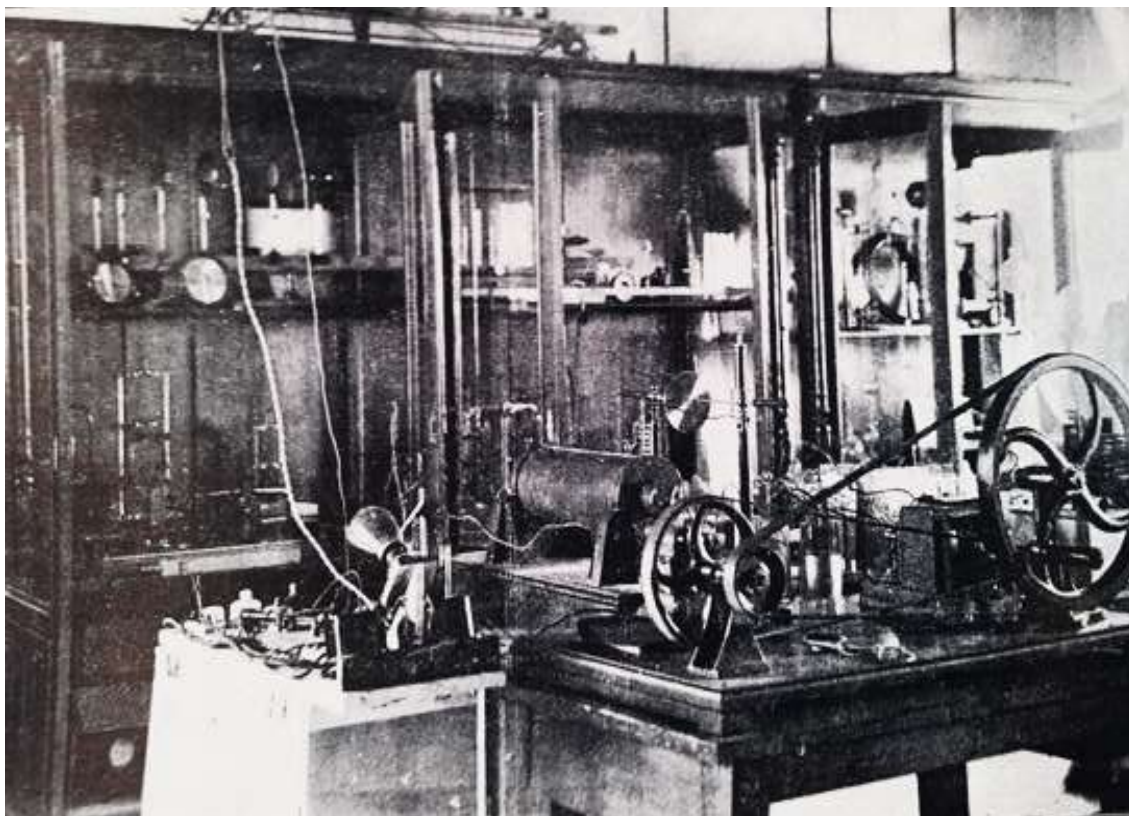
Fonte: RELATÓRIO ANUAL (1922).

Como parte de um projeto modernizador da educação e em busca da municipalização e posterior estadualização, o Colégio Anchieta possuía, além do Museu, outros espaços com materiais para o ensino de outras disciplinas, como por exemplo, os Gabinetes de Física (Figuras 9 e 10) e de Química, também denominados de Laboratório. A Escola também possuía Sala de Desenho e Sala de Geografia.

Figura 9: Gabinete de Física com quadros murais



Fonte: RELATÓRIO ANUAL (1926).

Figura 10: Gabinete de Física

Fonte: RELATÓRIO ANUAL (1926).

Nessa perspectiva, o Colégio destaca que nos últimos anos os Gabinete de Física, Química e História Natural tinham sido enriquecidos de vários objetos e aparelhos, instalados de acordos como os mais recentes progressos das ciências naturais e permitindo a execução de todos os trabalhos exigidos pelo Programa Escolar (RELATÓRIO, 1926). Aqui, as pistas deixadas no relatório apontam que esses espaços, incluindo o Museu, eram uma exigência do Programa de Ensino do Colégio, mesmo ainda sendo independente. Assim, pode-se inferir que, independentemente de exigências, o Colégio dentro da concepção jesuíta pautada no ensino e nas ciências estava orientado para as novas concepções educativas e científicas, que necessitavam de alguns recursos pedagógicos, como o museu escolar voltado para o ensino de História Natural e de Ciências.

Como expus anteriormente, a exemplo de outros museus de mesma tipologia, o acervo do Museu de História Natural do Colégio Anchieta continha

coleção científica utilizada para a pesquisa e coleção didática utilizada para o ensino. A coleção didática ficava exposta, como a coleção de insetos (Figura 11).

Figura 11: Museu de História Natural - coleção de insetos



Fonte: ACERVO HISTÓRICO DO MUSEU (s/d).

A imagem acima mostra a coleção de insetos exposta no Museu acondicionada em caixas com vidro. A próxima imagem mostra a coleção de aves (Figura 12). Uma das espécies expostas é a Harpia, conhecida como gavião-real, que ainda está em exposição no MHN¹⁹. Na imagem a Harpia aparece mais acima no canto superior direito.

¹⁹ Atualmente a espécie é mapeada e monitorada em programas de conservação no Brasil. A ave está posicionada em lugar de destaque na exposição atual, no início do percurso expositivo, de frente para a entrada do Museu, sendo visualizada pelo visitante quando este chega no Museu.

Figura 12: Museu de História Natural: coleção de aves



Fonte: ACERVO HISTÓRICO DO MUSEU (s/d).

Observa-se na próxima imagem, que foram utilizadas cortinas para cobrir o acervo de insetos como forma de proteção (Figura 13), segundo informação do atual diretor do museu, o professor Fernando Meyer. Ou seja, percebe-se a preocupação do Museu com a conservação da coleção, característica inerente de um Museu de História Natural. Como a coleção também era didática, era necessário conciliar as práticas relacionadas as suas duas funções – didática e científica.

Figura 13: Museu de História Natural - cortina para proteger o acervo



Fonte: ACERVO HISTÓRICO DO MUSEU (s/d).

Sobre essas atividades, entre as funções exercidas no MHN havia a de preparador e conservador de gabinete. O cargo de preparador de Física, Química e História Natural era exercido por aluno do Ginásio, reconhecidamente pobre e merecedor da distinção pelo bom comportamento e devotamento aos estudos. Dentre suas atribuições estavam: catalogar todos os objetos dos gabinetes de Física, Química e História Natural, dispostos na melhor ordem e asseio; preparar as coleções, conforme as instruções dos lentes, cumprir as ordens dos lentes relativo às demonstrações práticas de aula; ter sob a sua guarda e responsabilidade

o material técnico e científico dos gabinetes e cuidar da conservação dos aparelhos, instrumentos, drogas e demais objetos; fiscalizar o trabalho dos serventes nos gabinetes; verificar ao fim dos trabalhos se os gabinetes confiados a sua guarda estavam em condições adequadas de segurança e limpeza; prevenir os lentes de tudo quanto faltar nos gabinetes; proceder, a cada final do ano letivo, a um inventário do material existente nos gabinetes, apresentando este inventário aos seus chefes, que o remeterão ao diretor; e, vedar a entrada a quaisquer pessoas nos gabinetes sem autorização expressa do diretor ou lentes, salvo às autoridades de ensino (RELATÓRIO INSPEÇÃO, 1937).

Esse documento descreve somente as atribuições de conservador e do preparador no MHN. Neste caso, pode-se inferir a importância das suas atividades para o funcionamento do mesmo, de organizar, conservar, preparar e catalogar o acervo. Também é possível perceber, a partir das atribuições do conservador e preparador de Gabinete, as duas funções do museu: a função didática e a função científica do acervo, voltado para o ensino e para a pesquisa científica. Também pode-se inferir a importância do acervo, através da organização e dos cuidados com as coleções e com sua segurança, uma vez que era proibida a entrada de pessoas sem autorização.

Para compreender um pouco mais sobre a organização do MHN do Colégio Anchieta, pode-se verificar como era a organização dos museus de História Natural no início do século XX, através do Regulamento do Museu Nacional²⁰. Este era dividido por seções, como Zoologia, Botânica e Mineralogia; cada seção tinha um conjunto de atividades a ser realizado. Cada espaço tinha suas atividades definidas, como exemplo o Laboratório. Cada trabalhador do museu, chamados no conjunto de congregação, tinha suas atribuições estabelecidas (BRASIL, 1911).

Quanto ao espaço que a escola destinava às instalações para o ensino de História Natural, no ano de 1937, havia 2 salas: Gabinete de História Natural e Laboratório de História Natural. Esses espaços, juntamente com a Sala de Geografia, Sala de Ciências, Sala de Desenho, Laboratório de Química e

²⁰ Estabelecido pelo Decreto n. 9.211, de 15 de dezembro de 1911.

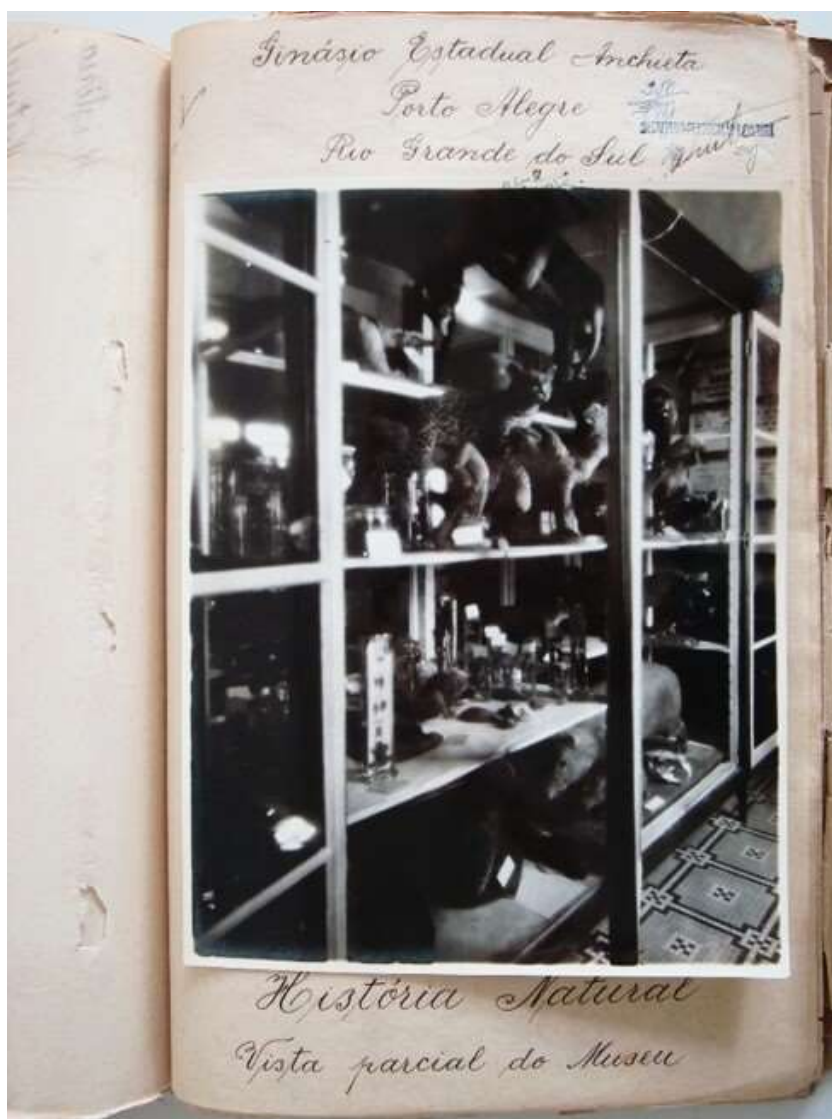
Laboratório de Física, eram considerados salas especiais da escola. A sala de maiores dimensões abrigava o Laboratório de História Natural. A terceira maior dava espaço ao Gabinete de História Natural. As salas destinadas ao Museu abrigavam mobiliário, equipamentos e materiais para estudo (RELATÓRIO INSPEÇÃO, 1937).

Através desse documento, infere-se que a sala que abrigava a exposição para utilização no ensino de História Natural correspondia ao “Gabinete de História Natural”, como também era designado em algumas edições do Relatório Anual da escola. Cabe salientar que, nesse período, já havia acontecido as ampliações do edifício da escola, o que possibilitou a utilização de novos espaços. No “Laboratório de História Natural” deveria ocorrer as atividades inerentes a um museu de História Natural. Percebe-se ainda a hierarquia em relação aos espaços e funções, que priorizava de certa forma as atividades do museu.

Complementando essas informações, segundo o Relatório para Inspeção Pública (1940), o Museu possuía:

- Uma sala de 130 metros quadrados;
- Uma sala de 268 metros quadrados - com as coleções em mesas ou grandes armários com fechamento em vidro, distribuídos conforme a natureza do objeto;
- Uma sala para o “Laboratório biológico” de 72 metros quadrados com as mesas para microscópios, aquário, criação de moscas e formigas;
- Uma sala para o “Laboratório” e “Herbário”, ocupando 300 metros quadrados, espaço onde também se guardava as coleções classificadas.

A partir dessas informações, pode-se inferir que o espaço destinado ao Laboratório tinha duas funções, “Laboratório biológico” e “Laboratório e Herbário”. A sala de 130 metros quadrados deveria ser o gabinete de estudo dos pesquisadores, pois o espaço destinado ao Museu, propriamente, deveria ser a sala de 268 metros quadrados, uma vez que abrigava as coleções em vidro, o que permitia a visualização (Figura 14).

Figura 14: Vista parcial do Museu

Fonte: RELATÓRIO INSPEÇÃO (1942).

Constata-se que para o Museu realizar suas atividades educativas e científicas era necessário um conjunto de salas, de equipamentos e de pessoal. Ou seja, o museu do Colégio Anchieta pode ser definido como um Museu de História Natural, que ia além do que se compreendia por um museu escolar, que poderia corresponder a um simples armário com os objetos didáticos, a uma coleção de quadros expostas na parede ou a uma sala, segundo Petry (2013).

Nessa perspectiva, cabe salientar que o Museu de História Natural do Colégio Anchieta se assemelha aos museus de História Natural criados no Brasil

entre o século XIX e início do século XX. Portanto caberia acrescentar aos estudos anteriores, acerca do que designa os museus escolares, os Museus de História Natural em espaço escolar, não somente no sentido do espaço que ocupavam e de suas instalações, mas, por sua função associada ao ensino de História Natural e, sobretudo, à pesquisa científica.

As instalações do Museu e dos laboratórios do Colégio Anchieta coadunavam-se também com outras instituições de ensino jesuítas. Assim como os outros museus administrados pela Companhia de Jesus (LEITE, 2005), era enriquecido constantemente com novas aquisições e melhoramentos.

Dentre os museus de História Natural dos colégios jesuítas do Sul, pode-se destacar o do Colégio Conceição e do Seminário de São Leopoldo. Este último esteve sob responsabilidade do Pe. João Alfredo Rohr²¹ na década de 1930, o qual “[...] reunia amostras do reino mineral, vegetal, animal e humano, numa pequena amostra do mundo conhecido.” (SCHMITZ, 2009, p.10). O Museu do Colégio Catarinense, em Florianópolis, era um espaço de ensino-aprendizagem de ciências com gabinete e laboratórios de Física, Química, Astronomia e História Natural (CRUZ, 2012). Desse modo, vale salientar que o Museu de História Natural do Colégio Anchieta não era uma experiência isolada dentre outras instituições educacionais jesuítas.

Contudo, dentre os museus de História Natural em espaço escolar, poucos restaram. Um exemplo fora da Ordem dos Jesuítas é o Museu do Instituto São José, localizado na cidade de Canoas no estado do Rio Grande do Sul, criado na década de 1920, inserido na categoria de museus escolares. Este tinha um espaço destinado a um Museu de História Natural (PAZ, 2015). Na perspectiva científica, o MHN do Colégio Anchieta tornou-se relevante também para a pesquisa de outros cientistas, através de seu acervo. Isso pode ser observado no Caderno de Registros de atividades, documento que contém registros com o nome de

²¹ Era professor de Aritmética, Italiano e História Natural, mais conhecido como arqueólogo. A partir da década de 1940 começou a atuar no colégio dos jesuítas na capital de Santa Catarina, no Colégio Catarinense, quando já existia um museu, que deu origem ao atual Museu do Sambaqui, em Florianópolis.

pesquisadores e instituições científicas que utilizaram a coleção do Museu para estudos e elaboração de trabalhos científicos. As atividades desse caderno são da década de 1960. O material científico era enviado para pesquisadores e cientistas, muitos deles especialistas de outras instituições científicas locais e internacionais.

Conforme levantamento realizado, listo alguns desses registros a seguir com o nome do pesquisador/instituição, o local e o tipo de acervo²².

Quadro 3: Pesquisadores que estudaram o acervo do Museu

Local	Nome	Procedência	Coleção
Brasil	Julius Melzer	São Paulo	Coleóptera
	José Pinto da Fonseca	São Paulo	Membracidae
	Roberto Spitz	São Paulo	Hemiptera
	Hermann Luederwaldt	São Paulo	Coleóptera
	Frederico Lanr	São Paulo	Coleoptera Coprinae
	Jesus Moure CMF	Curitiba	Hymenoptera
	Thomaz Burgmeier Ofim	Rio de Janeiro	Formigas
	Ângelo Moreira da Costa Lima	Rio de Janeiro	Hymenoptera Coleopera Diptera
	J. F. Zikan, Passalidae	Rio de Janeiro	Araneidade
Outros países	Erich Wasmann, Valkenburg	Holanda	Formigas
	Juan M. Bosq	Divisão de Zoologia Agrícola, Buenos Aires	Cerambycidae

²² Cabe ainda um estudo para buscar informações acerca desses pesquisadores e o período dessas solicitações, pois os Cadernos de Registros não apresentam essas informações.

Guilhermo Kuschel	Argentina	Curculionidae
Walter Wittmer	Buenos Aires	Cantharidae
Antonio Cobos	Instituto de Aclimatacion, Espanha	Brupestidae Elateridae
Jacques Negre	Versailles, França	Carabidae
Erich Uhmman	Zoologisches Museum der Humboldt	Hispinae
E. Titshack	Alemanha	Coleóptera
E. Haaf	Museum G. Frey, Alemanha	Tutzig Curculionidae
Ernest Fuchs	Áustria	Cerambycidae

Fonte: CADERNO DE REMESSAS (s/d).

As trocas de acervo entre instituições com o objetivo de produção do conhecimento, insere o Museu de História Natural do Colégio Anchieta numa rede internacional de comunicação entre os museus de ciências (LOPES, MURRIELO, 2005). Aos poucos, esses museus vão se especializando na produção em ciências naturais e no intercâmbio de suas coleções, superando, assim, o tradicional museu generalista, cujas trocas científicas transnacionais tiveram papel relevante no processo de institucionalização das ciências (SANJAD, 2010).

Observa-se, assim, a relevância do Museu de História Natural do Colégio Anchieta no contexto de sua criação em suas primeiras décadas de funcionamento no início do século XX e a permanência nas décadas seguintes de sua trajetória.

O Museu deixou rastros de sua história através dos documentos – imagens, relatórios, cabe ao historiador fazer uso das possibilidades, contornando com indícios as lacunas da pesquisa histórica (GINZBURG, 2007, 1990).

A história do MHN do Colégio Anchieta está vinculada à história de suas práticas (CERTEAU, 1994) e de seus sujeitos. Logo, sua história confunde-se com a trajetória do seu fundador Pe. Pio Buck e de outros que atuaram no museu como o Pe. Balduino Rambo. Dessa maneira, os próximos tópicos abordados apresentarão o percurso desses dois sujeitos que atuaram no ensino e na ciência em estreita relação com o museu.

3.3 Os sacerdotes jesuítas e suas interlocuções com o ensino, a pesquisa e o intercâmbio científico

No início do século XX, segundo Schmitz (2009), dando continuidade à tradição jesuíta, a História Natural era um importante campo de interesse dos jesuítas que vieram para o do Sul do Brasil, que influenciaram novos pesquisadores da Ordem. O suíço Pe. João Evangelista Rick atuava no campo da Botânica, no estudo dos fungos; Pe. Canísio Orth estudava e manipulava plantas medicinais; e Pe. Balduino Rambo estudava a flora, sendo especialista em plantas superiores. Resultado desse trabalho, há um acervo deixado pelos botânicos jesuítas do sul do Brasil que soma 120.000 exemplares, conservados no Herbário do Instituto Anchietano de Pesquisas²³ (SCHMITZ, 2009). Esse Herbário fora criado pelo Padre Rambo no Colégio Anchieta, junto ao MHN. Com sua morte, foi transferido para São Leopoldo. No campo da Zoologia, Pe. Pio Buck reunira considerável coleção de coleópteros (cascudos) e borboletas, ainda hoje conservada no Colégio Anchieta.

Nas próximas seções do texto apresento o itinerário de dois desses jesuítas, Pe. Pio Buck e Pe. Balduino Rambo, importantes e destacados professores no Colégio Anchieta que, além de exercerem a docência, eram estudiosos da natureza e atuaram diretamente no MHN²⁴ do Colégio Anchieta.

²³ Entidade científica fundada por jesuítas em 1956, inicialmente localizada no Colégio Anchieta em Porto Alegre, atualmente na Universidade do Vale dos Sinos, criada para realizar pesquisa na área da Arqueologia, Botânica, Zoologia e áreas afins. Ver mais em: <<http://www.anchietano.unisinos.br/>>.

²⁴ Museu de História Natural.

3.3.1 Padre Pio Buck: o fundador do Museu

As palavras do biólogo e professor Buckup, a seguir, demonstram a importância de Pe. Pio Buck para a prática científica:

Para mim, que era iniciante na entomologia, o Padre Pio Buck S.J. foi o grande incentivador e orientador. Sabia tudo sobre a classificação dos insetos, de como coletá-los e como conservá-los adequadamente em uma coleção científica. Instalado no sótão do Colégio Anchieta, na Rua Duque de Caxias, Padre Pio repartia o espaço para as suas caixas de insetos com o herbário do Padre Rambo. Durante o meu curso universitário subi inúmeras vezes pela íngreme e estreita escadaria que levava ao Museu do Anchieta, para passar as tardes naquele ambiente excepcional, bebendo avidamente daquelas excepcionais fontes de sabedoria científica representadas pelos dois ilustres padres jesuítas. (BUCKUP, 2005, p. 11)

Suas palavras referem-se ao Padre Pio Buck e ao Padre Rambo. Padre Pio Buck é vinculado ao museu como seu fundador e como responsável pelo seu crescimento. Nas notícias e informações divulgadas pelo Colégio, o nome do Padre Pio vem associado ao museu.

Pio Buck era um jesuíta que atuava na Educação e na Ciência, considerado da primeira geração, assim como outros, formados em países de língua alemã. Schmidt (2009) faz essa distinção entre a primeira e a segunda geração de jesuítas no Brasil, apontando a segunda como a dos jesuítas brasileiros do sul do Brasil que atuaram no campo da História Natural. Nascido em 20 de julho de 1883, em Hochdorf, Cantão de Lucerna - Suíça, Pe. Pio Buck (REVISTA ANCHIETA, 1990) era filho de Just Buck, bancário, e de Maria Buck Fessler (MEMÓRIAS, 1961). Fez a primeira parte de sua formação na Alemanha. Frequentou o Noviciado²⁵ da Companhia de Jesus de 1897 a 1902, em Tisis - Feldkirch, em Vorarlberg na Áustria. O Juniorado²⁶ fez em Exaten, na Holanda, e os estudos filosóficos fez em Valkenburg. A sua vinda para o Brasil, em 1908, ocorreu para exercer o Magistério. Segundo o próprio Pe. Pio, foi enviado Brasil porque queria conhecer as Missões

²⁵ Período de formação e provação, verificação da vocação.

²⁶ Período de transição do Noviciado para a Filosofia, com a formação científico-literária, que exige maior empenho e método.

no Rio Grande do Sul. Partiu para o Brasil em 22 de agosto de 1908 (REVISTA ANCHIETA, 1990).

No mesmo ano de sua chegada, em 1908, foi encarregado de organizar o “Museu Escolar Anchieta”. Dessa maneira, como entomólogo, Pe. Pio iniciou a coleta de acervo que dá origem ao Museu de História Natural do Colégio Anchieta, reunindo insetos (Figura 15) (RELATÓRIO ANUAL, 1966).

Figura 15: Padre Pio Buck



Fonte: ACERVO HISTÓRICO DO MUSEU (s/d).

Padre Pio iniciou seu trabalho também como professor no Ginásio Conceição em São Leopoldo e no Colégio Anchieta em Porto Alegre (MEMÓRIAS, 1961). No Ginásio Conceição trabalhou de 1909 a 1911, lecionando Desenho e Alemão; e no Colégio Anchieta se dedicou ao ensino de Desenho, História Universal, Datilografia e Taquigrafia²⁷ (CORREIO DO POVO, 22 de ago. 1972).

²⁷ Padre Pio escrevia um diário com todas as anotações em taquigrafia.

Em 1913, retorna ao exterior, para Valkenburg na Holanda para iniciar o estudo de Teologia. Com o advento da Primeira Guerra Mundial em 1914, pediu para ser integrado ao Hospital Militar como capelão militar, sendo instalado pela Direção Alemã do Exército. Viajou com enfermeiras religiosas e escolásticos da Companhia de Jesus para diversos países. Nesse período, trabalhou na repartição de cólera, contraindo a doença por duas vezes. Por seu trabalho, recebeu o Medalhão do Mérito Alemão Austríaco. Depois de 18 meses de serviço, retornou para Valkenburg, recomeçando os estudos de Teologia que havia interrompido. Em 1º de julho de 1917 foi ordenado sacerdote. Retornou ao Brasil no mesmo ano, voltando a atuar no Colégio Anchieta, onde lecionou as matérias de Desenho, Inglês, Matemática, Taquigrafia e outras (MEMÓRIAS, 1961).

Nesse ano, 1917, oficializou a criação do museu. Ainda atuou como sacerdote no confessionário. Em paralelo às atividades no Colégio, em 1920 apresentou-se como capelão da Cadeia da Penitenciária Estadual, localizada próxima ao Colégio, realizando um trabalho sem remuneração até a década de 1960, quando o Colégio muda de sede para um bairro afastando do centro (RELATÓRIO ANUAL, 1966).

Padre Pio Buck assume a coordenação do Museu em 1921, sendo nomeado conservador do “Museu Escolar” de História Natural em 1922. Dedicou-se ao Museu, especialmente como entomólogo, reunindo uma coleção de 120 mil insetos, entre borboletas e cascudos. Também colaborou como zoólogo e ainda ajudou a coletar exemplares para o Herbário, que seria criado no Colégio, conforme já citado anteriormente. Antes dele, coordenaram o Museu o Pe. Estevão Leuser, de 1908 a 1912, e Pe. Julio Poether, de 1913 a 1921. Os materiais de divulgação do museu assim caracterizavam Pe. Pio Buck: “Homem forte e apaixonado pela pesquisa científica, dedicou grande parte de sua vida ao Museu e foi o maior incentivador para a formação das coleções que hoje integram o acervo científico.” (REVISTA ANCHIETA, 2008, p.13) (Figura 16).

Figura 16: Pe. Pio no gabinete de trabalho na sede antiga do Colégio



Fonte: ACERVO HISTÓRICO DO MUSEU (s/d).

Como constatei antes, Pe. Pio é considerado o maior responsável pelo desenvolvimento do acervo do Museu e para isso constantemente coletava novos exemplares com o objetivo de aumentá-lo. Os documentos da instituição apresentam informações históricas sobre o Museu, destacando o trabalho do Pe. Pio através da Seção de Entomologia, formada por exemplares coletados e classificados laboriosamente durante 60 anos (RELATÓRIO ANUAL, 1966).

Desde os primeiros anos no Brasil, Pe. Pio dedicou-se a colecionar cascudos e borboletas, demonstrando interesse maior por insetos. Explorou a cidade de Porto Alegre e viajou pelo interior do estado; com a ajuda de estudantes conseguiu recolher um grande acervo (FOLHA DA TARDE, 22 de ago. 1972):

Esta sua paixão por insetos, acrescentou o professor Fernando Meyer [...] coordenador do Museu, o 'tornou mundialmente conhecido como entomologista'. A Sociedade Brasileira de Entomologia chegou a conferir-lhe o título de sócio honorário. (FOLHA DA TARDE, 22 de ago. 1972, p. 19)

Nas excursões pelos municípios gaúchos, nos passeios e durante as férias escolares, estimulava os alunos para a coleta de espécimes (REVISTA ANCHIETA, 2008):

Durante as férias escolares, acompanhava os escolares, acampando com eles no mato. Nestas ocasiões, disse o Padre Roque, ele mobilizava toda a turma para catar insetos, que iriam acabar, depois, nas prateleiras do seu museu. Em casa, padre Pio tinha uma biblioteca especializada sobre Entomologia. (FOLHA DA TARDE, 22 de ago.1972, p.19)

Essa prática despertava o interesse dos alunos pela História Natural e auxiliava na ampliação da coleção também.

A coleção de insetos obtida dá destaque aos *coleópteros* representados por 79 famílias, *hemípteros*, *lepidópteros*, *himenópteros*, *adonata* e outras ordens (REVISTA ANCHIETA, 1990). Parte do acervo coletado integrava a coleção didática que ficava em exposição (Figura 17).

Figura 17: Pe. Pio na sala da coleção de insetos - antiga sede do Colégio

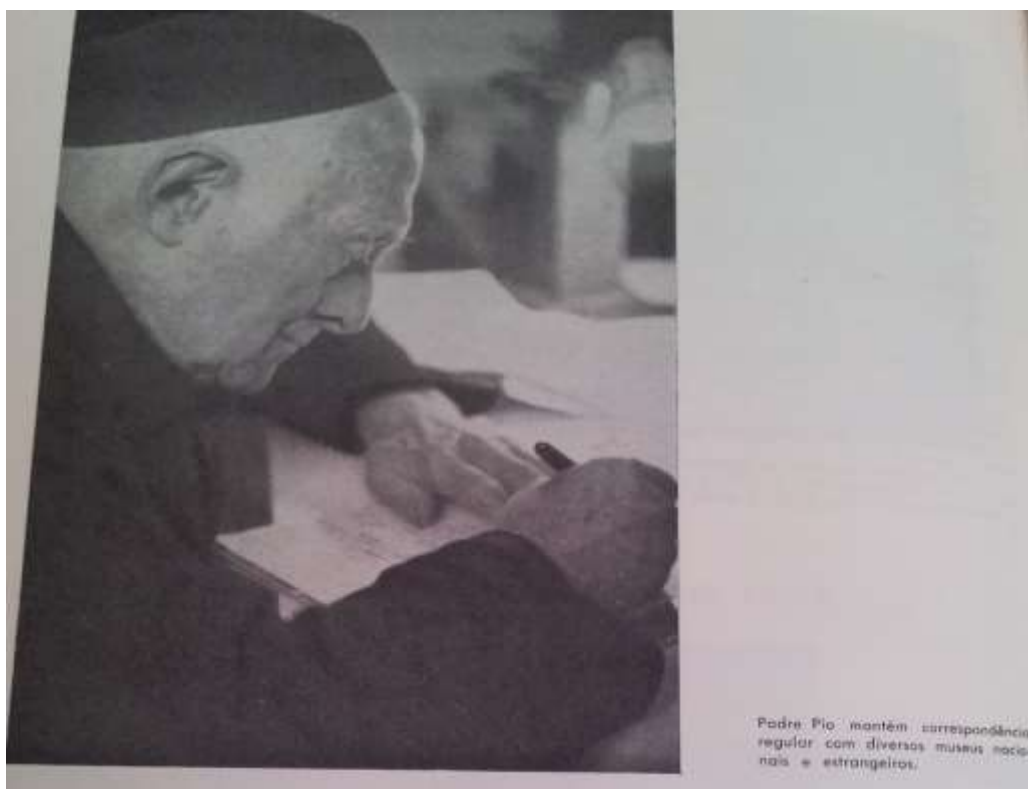


Fonte: ACERVO HISTÓRICO DO MUSEU (s/d).

Na condição de naturalista, além da coleta, Padre Pio se ocupou com a identificação de exemplares coletados, montagem e seleção de espécimes para serem identificadas por especialistas, as quais eram enviadas muitas vezes para o exterior com esse objetivo (RELATÓRIO ANUAL, 1967). Além do que foi exposto em seção anterior sobre o intercâmbio científico, esta prática revela a comunicação que havia do MHN com outros profissionais de uma rede de museus de História Natural.

Através da coleção de insetos, Pe. Pio como pesquisador estabelecia intercâmbio com inúmeras instituições científicas, mantendo correspondência regular com diversos museus nacionais e estrangeiros, mostrando estar inserido na rede internacional de comunicação entre cientistas de ciências naturais, apontada por Maria Margareth Lopes e Sandra Murrielo (2005) (Figura 18).

Figura 18: Pe. Pio Buck no Museu do Colégio Anchieta



Fonte: ACERVO HISTÓRICO DO MUSEU (1967).

Além da coleção de insetos, Pe. Pio Buck ainda reuniu espécimes representativos da fauna rio-grandense (REVISTA ANCHIETA, 2008). Entre tantas atividades também atuou para dar início a coleção de plantas do Museu, contando com a colaboração do Padre Balduino Rambo (REVISTA ANCHIETA, 2008). Pe. Pio ainda coletava acervos sobre arte indígena (FOLHA DA TARDE, 22 de ago. 1972).

Entre as visitas realizadas ao Museu de História Natural do Colégio Anchieta, no ano de 1936, o professor Candido de Mello Leitão, do Rio de Janeiro, declarou que o Museu era, simplesmente, o melhor Museu Escolar que conhecia no Brasil. Candido de Mello Leitão era um renomado zoólogo, pesquisador no Museu Nacional e professor de História Natural em algumas instituições escolares do Rio de Janeiro e autor de diversos livros didáticos, especialmente compêndios (ATIVIDADES DO MUSEU, 1936).

Pe. Pio exercia suas atividades científicas junto aos laboratórios de Botânica, e, sobretudo, ao de Zoologia para estudos e pesquisas científicas, bem como utilizava a biblioteca que pertencia ao MHN.

Na década de 1940, as coleções científicas do Museu de História Natural do Colégio Anchieta eram compostas por: Mineralogia, em torno de 500 itens; Zoologia, em torno de 50.000; Paleontologia, em torno de 200; artefatos indígenas, em torno de 100; Antropologia, em torno de 150; Botânica, em torno de 25.000 e Numismática, em torno de 200. Quanto à coleção de Botânica, possuía mais 5 mil duplicatas de plantas. Durante o ano de 1943, o museu recolheu para seu acervo em torno de 11.500 plantas, tendo adquirido em torno de 1 mil por permuta e 10 mil por doação. Também manteve permuta com outros museus do país. Os itens da coleção eram organizados em forma de catálogo com sistema de classificação sistemático (RELATÓRIO ESTATÍSTICA, 1943).

O documento que contém essas informações demonstra a importância do Museu, que, no ano de 1943 recebeu em torno de 1200 visitantes, entre alunos e cientistas. Também demonstra a relevância do trabalho do Pe. Pio Buck, coordenando diferentes atividades relacionadas ao ensino e à ciência, à guarda e ao estudo das coleções, ao intercâmbio científico, e ainda, quanto à coordenação

de um quadro de colaboradores que realizavam atribuições vinculadas à atividade científica (ESTATÍSTICA, 1943).

Os resultados de seu trabalho de pesquisa científica desenvolvido por anos foram publicados em livros: “Insetos criados em galhos cortados” em 1957; “Hispinæ in der Entomologischen Sammlung des Instituto Anchietano de Pesquisa” em 1958; e “Cerambycidae in der Sammlung des Instituto Anchietano de pesquisa (Pesquisas – Zoologia)” em 1959. O estudo sobre “Insetos criados em galhos cortados” também foi publicado na *Revista Iheringia*, periódico do Museu Rio-Grandense de Ciências Naturais, criado na década de 1950.

Padre Pio Buck fundou o Museu em 1908 e foi seu diretor até 1972, quando veio a falecer. Chegou a trabalhar por alguns anos na nova sede do Museu (Figura 19), onde continuou a se dedicar para a coleção de insetos (REVISTA ANCHIETA, 2008).

Figura 19: Pe. Pio Buck no Museu - nova sede do Colégio



Fonte: ACERVO HISTÓRICO DO MUSEU (1968).

Após a sua morte, assume a direção do Museu, Fernando Rodrigues Meyer, que foi aluno do Colégio, aprendiz de Pe. Pio Buck e pesquisador do Museu (Figura 20). Mantém-se na direção até hoje, cuja equipe é formada pelas biólogas Dorinha Alves Muller e Silvia Roberta Cramer.

Figura 20: Fernando Meyer e Padre Pio Buck no antigo Colégio



Fonte: ACERVO HISTÓRICO DO MUSEU (s/d).

O corpo técnico anterior do museu, até a primeira metade do século XX, era constituído por colecionadores e naturalistas (ESTATÍSTICA, 1943). Dentre eles, destaca-se Pe. Balduíno Rambo, cuja atuação no Museu será abordada a seguir.

Esta seção apresentou um pouco do percurso do Pe. Pio Buck no MHN através de suas práticas, sobretudo a científica. Assim, suas atividades de trabalho revelam também práticas do Museu. O primeiro diretor do Museu se destacou com a coleção de insetos, a qual tem importância até os dias de hoje com evidência na comunidade científica. A partir dela também projetou o Museu para outros espaços científicos, chamando a atenção de pesquisadores para seus estudos.

Acerca do que os documentos revelam sobre Pe. Pio, há pouco relevo para suas atividades com o ensino. Sua relevância para escola está associada ao seu papel de fundador do MHN e para sua função como pesquisador e cientista do Museu.

A seguir, mais um pouco da história do Museu de História Natural do Colégio Anchieta, através do trabalho de Pe. Balduino Rambo.

3.3.2 Padre Balduino Rambo²⁸: professor, cientista e naturalista viajante

As palavras de um dos fundadores do então Museu Rio-Grandense de Ciências Naturais na época de sua criação, o professor Thales de Lema, apontam a relevância da atuação de Padre Rambo na pesquisa científica:

A lembrança que tenho de Padre Rambo é um homem culto, sonhador, batalhador, sempre buscando realizar seu ideal de cientista. Rambo conhecia o Rio Grande do Sul como a palma de sua mão, como se comprova através de sua magnífica “Fisionomia do Rio Grande do Sul”. (LEMA, 2005, p. 24)

Padre Balduino Rambo nasceu na cidade de Tupandi, então distrito de Montenegro no Rio Grande do Sul, em 11 de agosto de 1905, região que tinha a presença dos jesuítas alemães desde 1873 (LEITE, 2005). Era proveniente de uma

²⁸ As informações dessa seção foram obtidas também em consulta aos Documentos *do Memorial Jesuíta*, em especial o *Espólio do Pe. Rambo* que contém documentos sobre sua formação e atividades como sacerdote, professor, cientista e naturalista viajante. Dentre seu acervo há uma coleção de correspondências com 12 mil itens. O acervo também possui o diário do Pe. Rambo, escrito por décadas até sua morte.

família de modestos agricultores, profundamente católica e que falava alemão (Figura 21). Sua formação teve início na escola comunitária da localidade, por volta dos oito anos de idade, sendo alfabetizado em alemão e gótico pelas Irmãs Franciscanas da Penitência e Caridade, vindas da Alemanha.

Figura 21: Padre Rambo com a família



Fonte: ACERVO HISTÓRICO DO MUSEU (s/d).

As paróquias de imigrantes alemães eram, na maioria, dirigidas por jesuítas. As escolas paroquiais ofereciam educação, biblioteca e atividades sociais, além de possibilitar a entrada de jovens em uma congregação religiosa (SCHMITZ, 2009). Em 1895, em Pareci Novo, então distrito de Montenegro, os jesuítas implantaram um pequeno Seminário Vocacional como estabelecimento para leigos. Destinou-se para seminaristas em 1913, sendo transferido para São Leopoldo para o prédio do antigo Ginásio Conceição, o qual havia sido fechado em 1912. O Seminário de Pareci Novo foi reaberto em 1917 como Escola Apostólica para curso primário e primeiro ginásial, onde Pe. Rambo ingressou com onze anos.

O Seminário Provincial Nossa Senhora da Conceição em São Leopoldo recebia candidatos ao sacerdócio, pertencentes a várias congregações religiosas e às diversas Arquidioceses do Sul do Brasil. Os professores, os orientadores espirituais, os administradores e o reitor do Seminário de São Leopoldo eram todos jesuítas, provenientes da Alemanha. Após seis anos de treinamentos e vida jesuítica, eram direcionados para um dos seminários ou colégios mantidos pela ordem para demonstrar sua experiência (SCHMITZ, 2009). Desse modo, Padre Rambo fez sua formação fundamental e média em Pareci Novo e São Leopoldo. Ingressou no Noviciado de Pareci Novo na Missão da Província Alemã da Companhia de Jesus em 1º de março de 1923 e pronunciou seus primeiros votos perpétuos em 23 de março de 1925. Nesse local também fez seu Juniorado. De 1927 a 1928 lecionou no Colégio Catarinense, de Florianópolis, as matérias de Francês, Aritmética e Desenho.

Padre Rambo foi para a Alemanha em meados de 1928 para cursar o Bacharelado e Licenciatura em Filosofia. Estabeleceu-se em Pullach, um grande centro de estudos filosóficos fundado em 1925, herdeiro da tradição neotomista dos jesuítas alemães (LEITE, 2005). Pullach, segundo Leite, também era herdeira de instituições como o Colégio Santo Inácio de Valkenburg, da Holanda, com suas faculdades de Teologia e Filosofia fundadas em 1895. Conforme o autor, as faculdades de Valkenburg formaram gerações de religiosos de língua alemã²⁹, incluindo grande número de pensadores que vieram para o sul do Brasil, como o Padre Pio Buck, fundador do Museu do Colégio Anchieta. Pe. Rambo retornou em 1934 para cursar Teologia em São Leopoldo, onde ordenou-se sacerdote (Figura 22) no Seminário Central e após retornou para Pareci Novo para concluir sua última provação como jesuíta.

²⁹ Localizava-se na Holanda, pois a Companhia de Jesus fora proscrita do Império Alemão, em 1872, durante a *Kulturkampf*, imposta por Bismarck, a qual pode regressar somente a partir de 1917.

Figura 22: Pe. Rambo – sacerdote



Fonte: ACERVO HISTÓRICO DO MUSEU (s/d).

Para Schmitz (2009), Padre Rambo pode ser considerado da segunda geração de jesuítas atuantes no sul do Brasil nesse período, uma vez que integrava um grupo de sacerdotes jesuítas que não nasceram em países de língua alemã, onde recebiam sua formação. Os novos jesuítas, como é o caso do Pe. Rambo, também influenciaram na motivação de outros cientistas do Sul do Brasil. Por sua atuação múltipla e especialmente no campo da Botânica, Pe. Rambo é considerado “[...] figura enciclopédica e o mais destacado jesuíta gaúcho da Companhia de Jesus restaurada [...]”. (LEITE, p. 41, 2005).

Apesar disso, Pe. Rambo não teve formação nas ciências, o que muito lamentava. Seu encontro inicial com as Ciências Naturais ocorreu, segundo Leite (2005), na década de 1920, no quinto ano ginasial na disciplina lecionada pelo Pe. Schölch S.J., passando também a frequentar o museu e os laboratórios de Física, Química e História Natural do colégio.

Padre Rambo atuou profissionalmente em diversas atividades vinculadas à História Natural, trabalhando como botânico, cientista natural, naturalista viajante, docente em colégios e universidades, museus e institutos de pesquisas científicas. Conforme Arendt (2012), em consequência de seus diversos trabalhos, realizou uma produção científica em áreas distintas, dedicando-se à Botânica, Literatura e Poética, além de ter produzido livros didáticos. Segundo Dallabrida (2001), os padres jesuítas da missão alemã que atuavam nos colégios jesuíticos no sul do Brasil dedicaram-se também à produção de livros didáticos na área científica, que eram utilizados nessas escolas e em outras regiões do Brasil.

Para Lorenz (1986), o livro didático de Ciências é fundamental para analisar conteúdos, tendências metodológicas e a filosofia educacional de uma época. Através dele, pode-se caracterizar a história do ensino da disciplina de História Natural bem como as práticas relacionadas ao ensino, refletindo a reorganização da escola e a valorização do Método intuitivo. Essas novas práticas estavam associadas a tornar mais claro o entendimento do aluno e a tornar mais fácil a aprendizagem, associadas a uma organização vinculada ao rigor da ciência para o ensino de Ciências e História Natural.

Dentre os materiais didáticos para o ensino de História Natural que contemplam ilustrações da natureza, utilizados nas aulas com as Lições de Coisas, além dos quadros murais, foram localizados no Museu de História Natural do Colégio Anchieta outros materiais. Trata-se dos livros didáticos elaborados por Padre Rambo para o ensino de História Natural.

São 3 livros para o 3.º, 4.º e 5.º ano seriado, produzidos na década de 1930, intitulados *Elementos de História Natural*, publicados pela Livraria do Globo de Porto Alegre (Figura 23). Para atender as exigências do sistema vigente visava à

sistemática das principais formas da flora e da fauna regionais. Os livros foram reeditados na mesma década do lançamento.

Figura 23: Livros didáticos. Autor Padre Rambo. Década de 1930



Fonte: ACERVO HISTÓRICO DO MUSEU (s/d).

Os 3 volumes contêm as matérias escolares de Zoologia, Botânica, Mineralogia e Geologia. O primeiro e o segundo volumes têm o acréscimo da Antropologia e o terceiro, da História da Terra e da Vida. Todos seguem o Programa Oficial Escolar. Os volumes contêm em torno de 380 páginas cada um. O autor não apresenta informações acerca das imagens utilizadas nos livros, apenas comenta no prefácio do primeiro volume que tenta descrever o animal e o vegetal vivos como os pintaram os clássicos e como ainda se pode observar da natureza sul-americana.

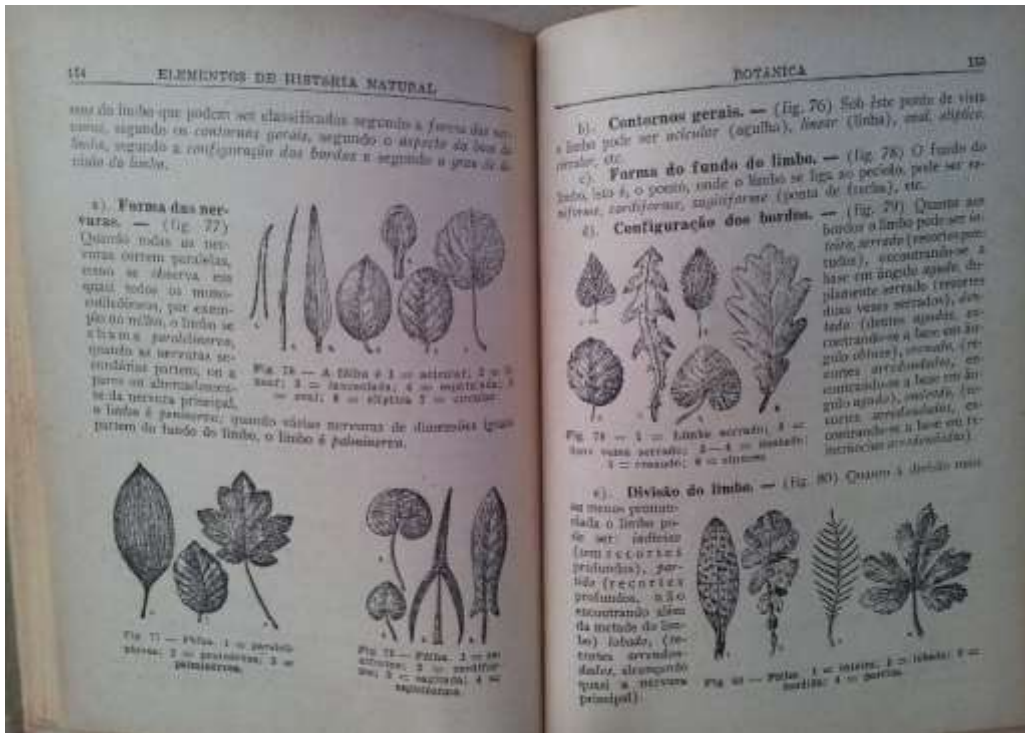
Padre Rambo ao produzir os compêndios com fins didáticos incorporou as ciências naturais e a pedagogia visual. Com fins educativos, os livros foram organizados com textos descritivos e breves em linguagem acessível. As representações da natureza são exibidas com ilustrações em preto e branco para cada ponto abordado (Figura 24 e 25).

Figura 24: Elementos de História Natural. Volume 1, seção de Zoologia



Fonte: ACERVO HISTÓRICO DO MUSEU (s/d).

Figura 25: Elementos de História Natural. Volume 2, seção de Botânica



Fonte: ACERVO HISTÓRICO DO MUSEU (s/d).

Na perspectiva do Método intuitivo, em seu artigo publicado na Revista do Ensino, para Pe. Rambo (1939), o objetivo do ensino das ciências naturais não era fazer o aluno memorizar, mas compreender quais os caminhos que conduzem ao conhecimento dos fatos e fenômenos. Para o autor, o ensino de ciências naturais devia tornar o aluno capaz para um desenvolvimento autônomo e fecundo no futuro, sem necessário se prender na minúcia. Para ele, era necessário memorizar somente para prestar os exames preparatórios ao Ensino Superior. Nesse sentido, o livro didático também deveria atender tais pressupostos.

Na década de 1940, Pe. Balduino Rambo, como professor do Colégio Anchieta e cientista do MHN do Colégio Anchieta, publica na Revista do Ensino de Porto Alegre, um artigo que abordava o ensino de História Natural e o programa oficial de então. Para Pe. Rambo (1940), o ensino era natural, portanto, indutivo, partia da descrição de algum ser da natureza - mineral, vegetal ou animal, salientando o que há de comum com outros, como forma de convencer o aluno que o mundo dos seres em torno do homem não é um caos sem ordem, mas um cosmos de seres hierarquicamente dispostos, com múltiplas relações de parentesco, de subordinação, de interdependência mútua. Destaca, ainda, que o número de lições anuais era escasso para fundamentar uma indução mais completa de um número suficiente de seres da natureza.

Para Chervel (1998), as disciplinas escolares possuem uma autonomia relativa no âmbito de uma cultura escolar. Para Popkewitz (1992), demonstram a relação entre cultura e poder. Dessa maneira, no âmbito do currículo de História Natural no período que era equiparado ao Colégio Pedro II, o Colégio Anchieta estava submetido a um padrão no ensino quanto ao programa escolar, para que pudesse continuar equiparado e assim, entre outras vantagens, poder realizar os exames para admissão aos cursos superiores.

O ensino da disciplina das Ciências e de História Natural no currículo disputava um espaço com outras disciplinas, mesmo estando em evidência no âmbito da modernidade pedagógica. Era submetida a um controle, às normas de um campo (BOURDIEU, 1989), cujo currículo obrigava-se a seguir como padrão o do Colégio Pedro II. Da mesma forma, o livro didático e o autor precisavam de

reconhecimento para que fossem adotados pelo programa escolar de ensino. Padre Rambo tinha notoriedade pelo seu trabalho, para ser autor de livros didáticos, legitimado pelo campo científico e da Educação como professor de História Natural e cientista.

Além da produção de compêndios escolares, entre seus escritos, Arendt (2012) destaca o diário de Pe. Rambo. Este contempla um período maior, de 1919 a 1961, com 40 volumes encadernados, escritos em estenografia ou alemão³⁰. Pode-se ressaltar ainda em seu espólio, como resultado de sua atuação científica e social, as cartas enviadas e recebidas, cujo conjunto engloba um período de mais de 30 anos, de 1930 a 1961³¹.

Conforme essas correspondências, localizadas no acervo do Memorial Jesuíta, observa-se a troca de informações de Padre Rambo com outros pesquisadores, como exemplo: no Brasil, Paulo de T. Alvim, botânico brasileiro; Guido Pabst, brasileiro, um dos principais orquidários do país, o qual criou um Herbário no RJ; Gert Hatschbach, brasileiro, botânico, professor e fundador do Museu Botânico de Curitiba; Frederico Carlos Hoehne, um dos primeiros cientistas brasileiros a empreender estudos sistemáticos, abrangentes e de longa duração sobre a nossa flora; na Argentina, Arturo Burkart, Angel Lulio Cabrera e Antonio Krapovickas; nos Estados Unidos, Carl Epling, botânico e micólogo e Dr. Lincoln Constance, botânico americano, com atividades no Herbário Jepson e na Universidade da Califórnia; na Alemanha, o botânico Hans Burgeff, Hermann Sleumer, botânico, que trabalhou no Museu de Berlim e professor na Universidade de Berlim. A maioria dessas correspondências foram efetuadas nas décadas de 1940 e 1950 (MEMORIAL JESUÍTA, s/d).

Padre Rambo também trocava cartas com instituições científicas. Dentre elas: no Brasil - Instituto Biológico de São Paulo; Instituto de Biologia e Pesquisas Tecnológicas; Instituto Tecnológico do RS; Secretaria de Agricultura de São Paulo;

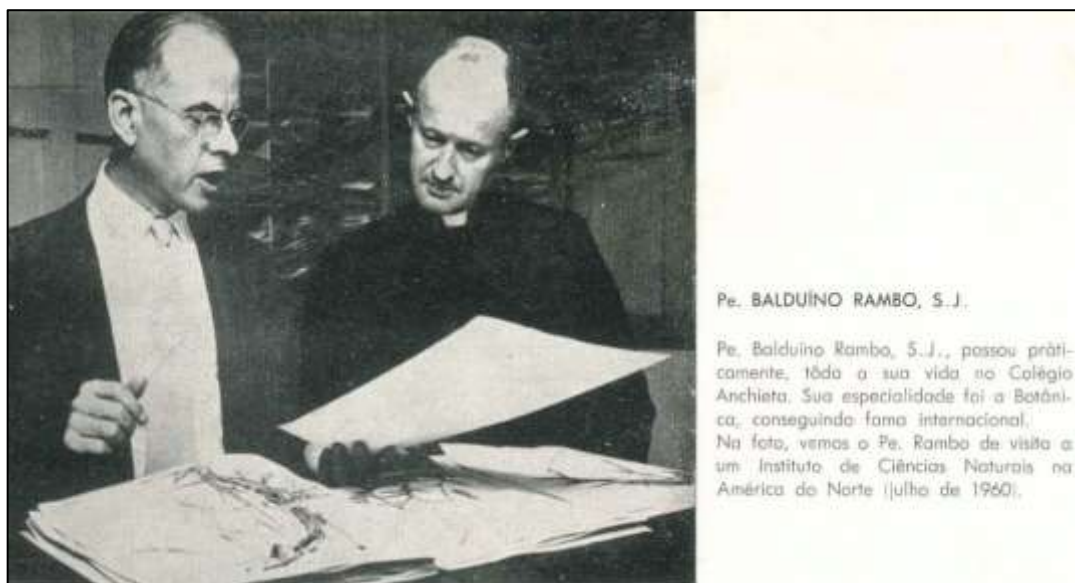
³⁰ Somente parte dessa produção foi traduzida. Dentre outros documentos que deixou, muitos foram escritos em outras línguas, em alemão, francês, espanhol, inglês, alemão gótico, estenografia e latim.

³¹ Disponíveis no arquivo do Memorial Jesuíta na Universidade do Vale do Sinos em São Leopoldo.

Instituto Paranaense de Botânica; Biblioteca Nacional; Museu Nacional e Instituto Nacional do Pinho; no exterior - Instituto de Botânica Português; Instituto de Ciências Naturais de Bogotá na Colômbia; Instituto de Botânica Sistemática, Jardim Botânico e Herbarium Haussknecht, em Jena na Alemanha. Padre Rambo também enviava e recebia correspondências de outras entidades, de outras esferas, como a Câmara dos Deputados, Governos do Estado e Exército.

Essas correspondências mantidas com pesquisadores e instituições científicas do Brasil e de países do exterior apontam para uma rede de contatos relacionada ao meio científico, com museus, institutos, herbários e universidades, revelando um intercâmbio com diversos países (Lopes e Murrielo, 2005). Desse modo, Pe. Rambo insere o Museu de História Natural do Colégio Anchieta nessa rede internacional. Um exemplo desse intercâmbio também foram as viagens internacionais que realizou, entre elas, a viagem aos Estados Unidos em 1956, como convidado do governo norte-americano para visitar centros de investigação científica (Figura 26).

Figura 26: Padre Balduino Rambo em viagem aos EUA



Fonte: ACERVO HISTÓRICO DO MUSEU (1960).

Dentre os trabalhos de Pe. Rambo, segundo Franco (2005), sobressai sua atuação como viajante naturalista, a exemplo dos que percorreram o Brasil no século XIX, redescobrimdo o país no aspecto científico. Segundo o autor, Rambo inspirava-se em Carl Friedrich von Martius, que durante suas viagens ao território do país, entre 1817 e 1820, fez um levantamento e estudo da Flora Brasiliensis. Rambo queria seguir o exemplo de Martius ao pesquisar a flora do Rio Grande do Sul (FRANCO, 2005). Conforme menciona em livro de sua autoria, intitulado *Martius*, sobre tal botânico-naturalista-viajante, Rambo considerava a *Flora Brasiliensis*, obra de autoria do pesquisador bávaro, uma obra que jamais se escreveu sobre as “coisas” brasileiras (RAMBO, 1952). Para Rambo, Martius era, no seu gênero, a expressão clássica do pesquisador do século passado, sendo o melhor estímulo para pesquisadores do futuro.

Na década de 1930, no período em que já atuava no Colégio Anchieta e ainda durante sua formação como sacerdote, realizou viagens de estudo nas regiões e cidades do Rio Grande do Sul. Padre Rambo é considerado um dos principais naturalistas que percorreram o Rio Grande do Sul, além de Auguste de Saint-Hilaire, Robert Avé-Lallemant, Hermann von Ihering e Carl Axel Magnus Lindman. Rambo, depois de percorrer o Estado, propôs um esquema de classificação fitogeográfica aos aspectos especificamente da vegetação (ALVES, 2008).

Entre essas viagens (Figura 27), fez um levantamento geológico da estrutura da Serra nas Bacias do Caí e do Rio-do-Sinos, do clima de Porto Alegre e do Alto Uruguai, fauna e relevo. Assim, na década de 1930, Padre Rambo já possuía resultados de pesquisas publicados em periódicos nacionais e internacionais, como na *Revista Sul-americana de Montevideo*, com o artigo “A vegetação do médio Uruguai” em 1935, e na *Revista Broteria* (de Lisboa) sobre líquens em 1934 (MEMORIAL JESUÍTA, 1935).

Na década de 1940, realizou viagens de estudo pelo Brasil. Voou sobre a região do Tocantins em 1940. Também estudou o caráter antropogeográfico do elemento teuto e na Zoologia pesquisou sobre formigas.

Figura 27: Pe. Rambo em viagem a Cerro Largo - coleta de plantas



Fonte: MEMORIAL JESUÍTA (1939).

A clássica obra de Pe. Rambo “A fisionomia do Rio Grande do Sul” foi publicada em 1942, pelo governo do Estado (Figuras 28 e 29). Antes disso, foram publicadas no Relatório Anual do Colégio Anchieta 58 páginas do estudo, incluindo imagens aéreas (RELATÓRIO ANUAL, 1938). Conforme palavras de Pe. Rambo, na apresentação da obra:

As páginas que seguem, são um tentame de, espaço reduzido, apresentar uma descrição da fisionomia natural do Rio Grande do Sul. São o resultado de quinze mil quilômetros de viagens científicas, realizadas nos últimos dez anos em terrenos rio-grandenses (sic) e nas regiões limítrofes de Santa Catarina. (RELATÓRIO ANUAL, 1938, p.1)

Essa obra foi resultado do seu trabalho de dez anos de viagens de estudos no sul do Brasil, percorrendo várias cidades.

Figura 28: Viagem de Estudos ao Rio Grande do Sul, Torres



Fonte: RELATÓRIO ANUAL (1938).

Figura 29: Viagem de Estudos ao Rio Grande do Sul, Salto do Jacuí



Fonte: RELATÓRIO ANUAL (1938).

“A Fisionomia do Rio Grande do Sul” foi realizada no final da década de 1930, com dados geográficos, formação geo-história, transformação geológica, vegetação, paisagens e significação antropogeográfica, com levantamento através das viagens aéreas (Figura 30).

Figura 30: Pe. Balduino Rambo em viagem de avião



Fonte: ACERVO HISTÓRICO DO MUSEU (s/d).

A obra foi avaliada como um estudo de referência pela comunidade científica da época (RÜCKERT, 2005) e, além disso:

Essa obra foi escrita não só com proficiência, mas também com estilo e emoção, sendo um prazer sua leitura sentindo-se que foi feita por alguém que amava a natureza. Duas áreas naturais importantes de entrada de bioma na região meridional foram por ele apontadas quando ninguém falava sobre isso [...] (LEMA, 2005, p. 24).

Para Arthur Rambo (2007), nessa obra não falta rigor científico, mas os recursos literários e o estilo escolhido vêm carregados de descrições que tocam os sentimentos, fazem com que o leitor viaje na imaginação, por uma paisagem viva.

Para o autor, Pe. Rambo como jesuíta vê na paisagem natural as marcas e a presença do criador. Nessa publicação, também demonstra sua preocupação com a natureza através de suas ideias, influenciando na criação de políticas ambientais e na articulação do movimento ambientalista gaúcho (RÜCKERT, 2015). O autor salienta que Rambo, por sua formação religiosa, considerava a preservação da natureza como um princípio ético. Assim, aderiu ao grupo de intelectuais que defendia a criação de Parques Nacionais no Brasil para sua preservação. Para Franco (2005), Rambo é um pioneiro na ecologia.

Desse modo, pode-se dizer que ele dá continuidade aos trabalhos realizados pelos viajantes naturalistas do século XIX, considerado o mais importante naturalista do Estado pelo resultado de seus estudos, tornando-se também um pesquisador avançado no âmbito da ecologia.

A pesquisa científica realizada por Pe. Rambo teve como lócus o Museu de História Natural do Colégio Anchieta, um museu inserido em uma instituição escolar que também abrigava o Herbário Anchieta, fonte para os estudos do pesquisador. Nessa perspectiva, segundo Schmitz (2009), as pesquisas na área da História Natural eram realizadas pelos jesuítas em espaços institucionais de forma autônoma, como ocorria nos colégios onde atuavam junto ao ensino e ao museu. Sacerdotes jesuítas se interessaram pelo campo da ciência enquanto eram alunos e muitos, posteriormente desenvolveram seus estudos no âmbito da instituição escolar. Para Schmitz (2009), mesmo que alguns pesquisadores dessem aulas na universidade, suas referências para a pesquisa científica eram os colégios e os seminários. Foi o que ocorreu com Padre Rambo, que ingressou no Colégio Anchieta em 1933, como professor (Figura 31) e pesquisador junto ao Museu de História Natural do Colégio Anchieta.

Figura 31: Pe. Rambo - docente do Colégio Anchieta



Fonte: ACERVO HISTÓRICO DO MUSEU (s/d).

Desse modo, o corpo docente do Colégio Anchieta ao longo do tempo, passou a ser formado em parte por padres da Companhia de Jesus, em parte por intelectuais da capital, dos quais vários eram lentes em faculdades (RELATÓRIO INSPEÇÃO, 1940). Pe. Rambo atuava nas duas esferas. No Colégio Anchieta, ao lado de Pe. Pio, era professor e pesquisador (Figura 32), além de ser, professor em faculdade.

A sala que ficava sobre a capela do antigo prédio do Colégio Anchieta, na rua Duque de Caxias, continha parte da coleção de insetos do Pe. Pio e caixas de madeira onde eram guardadas as amostras de plantas (*exsicatas*) de Pe. Rambo, que deram origem ao Herbário Anchieta (Figura 33).

Figura 32: Gabinete de trabalho do Pe. Rambo e Pe. Pio



Fonte: RELATÓRIO ANUAL (1942).

Figura 33: Sala de trabalho do Pe. Pio e Pe. Rambo



Fonte: ACERVO HISTÓRICO DO MUSEU (1942).

No início da década de 1930, período que Pe. Rambo passa a ser lente de Ciências Naturais e Geografia no Colégio Anchieta (1933), foi criado no Colégio Anchieta o Herbário Anchieta, assim denominado, constituído de plantas coletadas no Rio Grande do Sul (Figura 34). Foi iniciado em 1931 com a colaboração dos Padres Canísio Orth, Luiz Sehnem, Fridolino Beuren, Arnaldo Bruxel, João Flach, Ervino Friedriche e Pio Buck - todos lentes dos Institutos de ensino da Companhia de Jesus no Rio Grande do Sul e Santa Catarina, bem como os senhores Dr. W. Raul e Karl Emrich³², conceituados cientistas rio-grandenses (RELATÓRIO INSPEÇÃO, 1940).

Figura 34: Pe. Rambo (de chapéu) - coleta de plantas para o Herbário



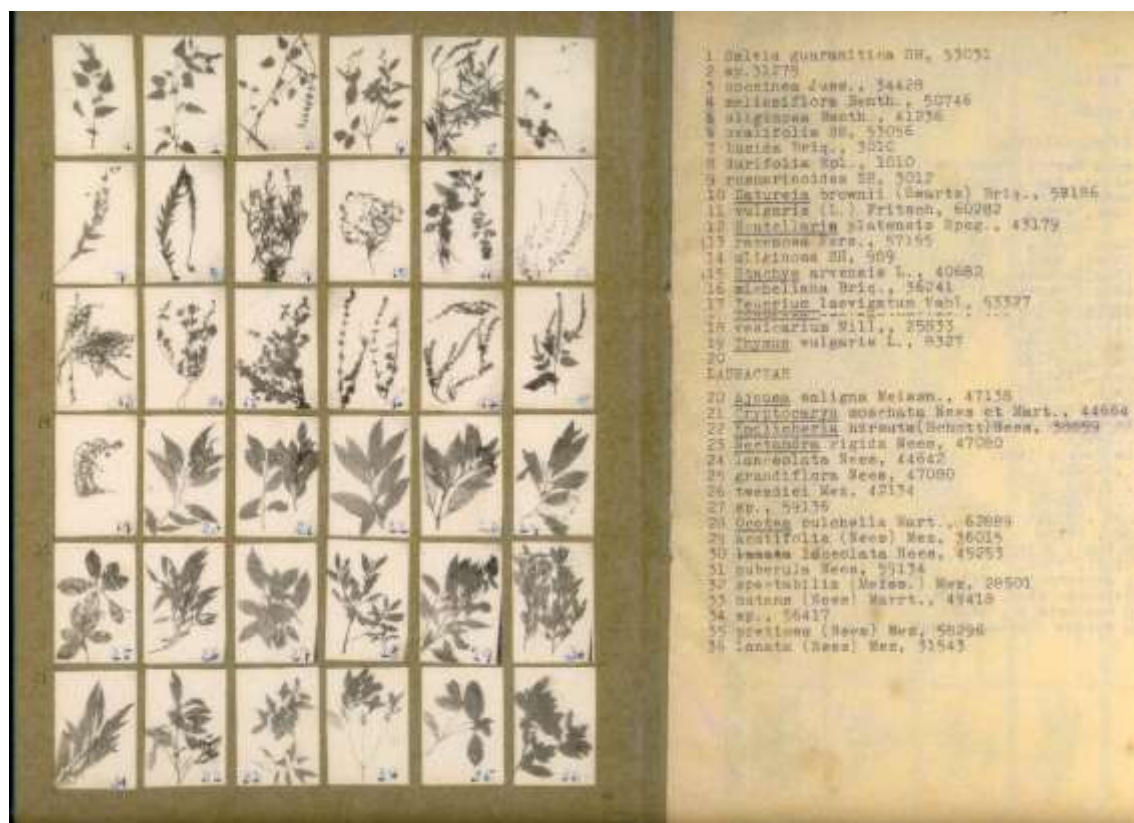
Fonte: ACERVO HISTÓRICO DO MUSEU (s/d).

O Herbário Anchieta foi criado com duplo objetivo, como parte do Museu, o de fornecer material didático indispensável para o ensino da Botânica sistemática no Colégio e de servir de base para uma futura flora sistemática do Rio Grande do Sul (INSPEÇÃO, 1942). Para facilitar a consulta às plantas do herbário, Pe. Rambo

³² Conceituado naturalista, que doou sua coleção de plantas para Pe. Rambo.

criou um catálogo de microfotografias, com todas as espécies de sua coleção (Figura 35).

Figura 35: Plantas do Herbário Anchieta



Fonte: ACERVO HISTÓRICO DO MUSEU (s/d).

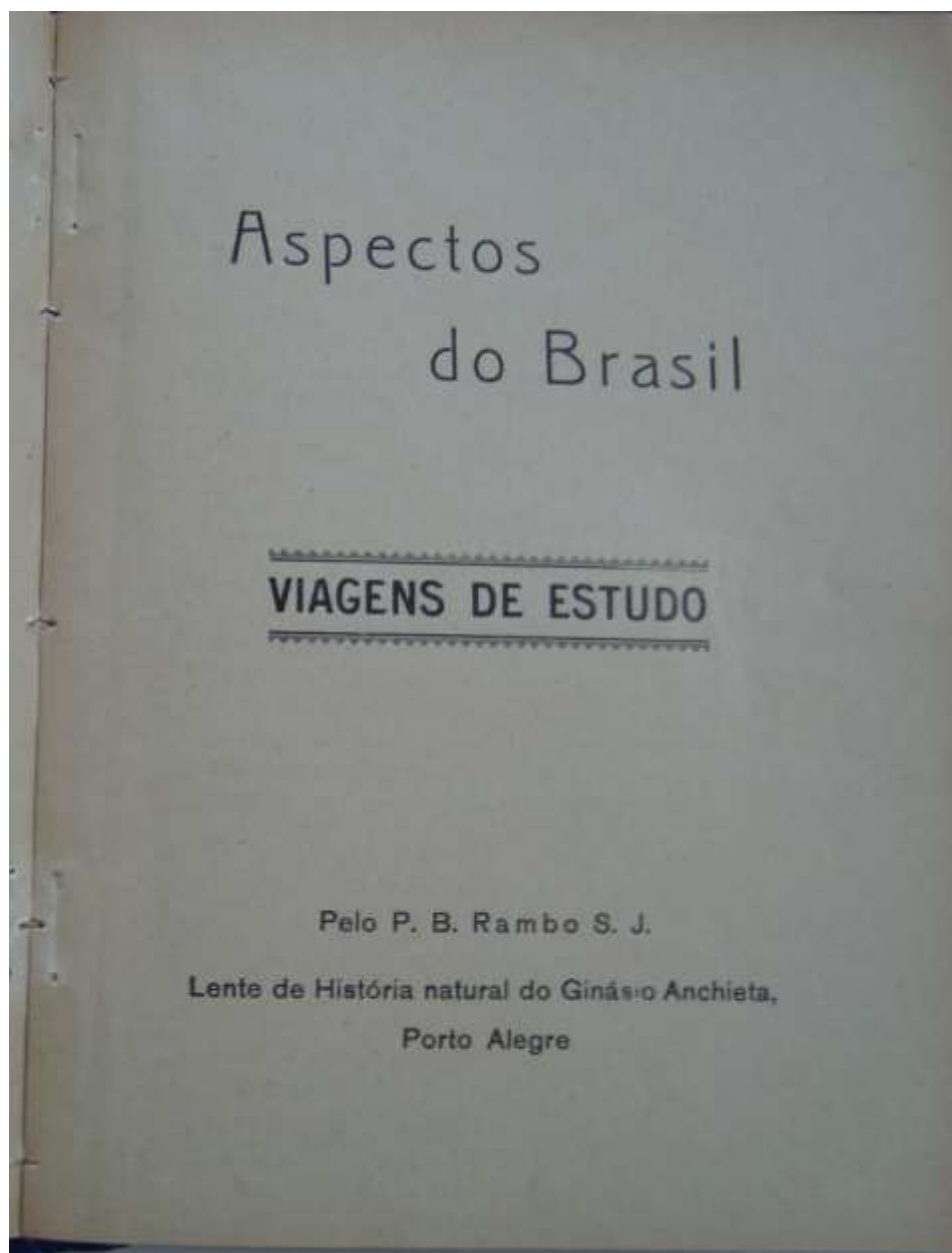
Conforme dados para a Inspeção do Colégio, em fins do ano de 1942, o Herbário contava com 11 mil exemplares da flora, entre os quais cerca de 3 mil espécies indígenas rio-grandenses e 400 espécies estrangeiras cultivadas ou subespontâneas (RELATÓRIO INSPEÇÃO, 1942). Como foi mencionado em seção anterior desse estudo, na década de 1960, após a morte de Pe. Rambo (1961), o Herbário Anchieta foi transferido para o Instituto Anchietano de Pesquisas, localizado na Universidade do Vale dos Sinos em São Leopoldo. As amostras de plantas do Herbário do Pe. Rambo, além de serem fontes para estudos, constituem um testemunho da diversidade vegetal do Rio Grande do Sul, o que possibilita estudos atuais na área da Botânica.

De acordo com a documentação do Memorial Jesuíta da UNISINOS, no início da década de 1940, Rambo sobrevoou o Brasil, tendo realizado 102 voos para estudo. As viagens aéreas pelo território brasileiro eram realizadas com o Exército, instituição que mantinha contato por correspondência (MEMORIAL JESUÍTA, 1942). Na apresentação dos resultados de seu trabalho ao Colégio Anchieta, comenta sobre as viagens:

As páginas que aí vão, representam o resumo dum extenso diário de viagens aéreas sobre o território brasileiro, realizadas em janeiro de 1940. Tendo em vista o caráter predominantemente científico-natural destas viagens, limitar-me-ei aos fatores geográficos, geológicos e botânicos, tocando no fator humano só quando a exposição o exige como complemento. Dada a natureza popularizante desta publicação, evitarei o verbalismo técnico, procurando sempre, ao máximo, proveito do leitor. Pelo mesmo motivo deixarei de transcrever as notas do diário, preferindo resumir os resultados de cada viagem em quadros concisos e característicos. O desejo e a finalidade que me animam, são o que a nossa juventude sempre mais aprenda a conhecer e amar a fisionomia natural do Brasil, conhecer e amar para se dedicar ao progresso total, econômico, cultural, religioso do nosso país. (RELATÓRIO ANUAL, 1940, p.1).

A pesquisa foi publicada no Relatório do Colégio Anchieta no mesmo ano da viagem (Figuras 36 e 37).

Figura 36: Viagens de estudo pelo Brasil - Relatório do Colégio Anchieta



Fonte: ACERVO HISTÓRICO DO MUSEU (s/d).

Figura 37: Viagens de estudo pelo Brasil - Curso médio do Paraíba



Fonte: ACERVO HISTÓRICO DO MUSEU (1940).

Sobre os estudos de Pe. Rambo e sobre suas viagens, Pe. Schmitz S. J. destaca que:

Pe. Rambo era interessado em conhecer a diversidade da paisagem e da flora do Brasil. Para isto sobrevoou grandes áreas do país, em pequenos aviões inseguros e de pouca autonomia, tendo numa das mãos um aparelho fotográfico e na outra um caderno de anotações, no que foi precursor do posterior mapeamento aéreo, que resultou na Cartografia do Exército [...]. (ANCHIETANO UNISINOS, 2005, doc. elet.)

Os resultados dos seus estudos, Pe. Rambo os publicou nos Relatório Anuais do Colégio Anchieta e em diversos periódicos científicos. Além das obras “A Fisionomia do Rio Grande – Viagens de Estudo” e “Aspectos do Brasil – Viagens de Estudo”, foram publicadas nos Relatórios Anuais do Colégio Anchieta: Em 1932 - “Lichenes” com 29 páginas; em 1933 - “A Caranguejeira” (*Grammostola longimana*) com 33 páginas e “A Fisionomia do Alto Uruguay” com 31 páginas; e em 1941 - “*Eciton praedator*” (A Formiga-de-Correição) com 16 páginas.

Entre os trabalhos publicados em periódicos científicos, Pe. Rambo publicou: Na década de 1930 - na Revista Brotéria, na Série Ciências Naturais, “Lichenes Megapotamici” com 37 páginas; em 1935 - na Revista Sudamericana de Botânica, “La Vegetación del Alto Uruguay” com 2 páginas. Padre Rambo também publicava em Anais de Congresso, dos quais participava.

Embora Padre Rambo tenha iniciado suas atividades como docente no Colégio Anchieta na década de 1930, nessa década, se afastou para completar sua formação, retornando no ano de 1939 e permanecendo até a sua morte, em 1961. A maior parte do tempo que passou trabalhando na escola foi nas décadas de 1940 e 1950. Suas atividades como literato, professor, cientista de renome internacional, líder colonial e padre jesuíta distribuíram-se nas décadas de 1930, 1940 e 1950³³ (RAMBO, 2007).

O trabalho de Pe. Rambo junto ao MHN como docente do Colégio, escritor de compêndios didáticos e cientista foram importantes para o ensino de História Natural. No campo científico, as pesquisas desenvolvidas no Museu a partir de sua atuação como naturalista foram relevantes para o estudo da flora rio-grandense. Seu trabalho vinculado ao Museu é reconhecido no país e no exterior.

As atividades de Padre Balduino Rambo junto com Padre Pio Buck conformaram a trajetória do Museu de História Natural do Colégio Anchieta. Mas, ao falar de práticas e pesquisar o cotidiano (CERTEAU, 1994) desses pesquisadores junto ao MHN, cabe ao historiador encontrar sentidos nelas, nos saberes que permeiam a prática de um coletivo. Nesse sentido, o conjunto de informações aportadas pelos escritos e fotografias acerca de Pe. Pio Buck e Pe. Rambo possibilitou ler nos indícios e nos silêncios do passado (GINZBURG, 1990, 2007) de suas práticas, vinculadas ao ensino e às ciências, um pouco da história do Museu de História Natural do Colégio Anchieta.

³³ Entre suas atividades nas décadas de 1940 e 1950, foi docente na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Leopoldo; na Universidade Federal do Rio do Grande do Sul foi responsável pela criação da Cátedra de Antropologia e Etnografia. Foi co-fundador do Instituto Anchietano de pesquisas.

As atuações de Pe. Pio Buck e Pe. Rambo valorizam a trajetória do Museu e a história do Colégio Anchieta, reconhecida na comunidade escolar e pela instituição, como pode ser observado na imagem abaixo (Figura 38), onde se lê “Museu Anchieta uma jóia (sic) que completa 100 anos”.

Figura 38: Revista Anchieta. Centenário do MHN do Colégio



Fonte: ACERVO HISTÓRICO DO MUSEU (2008).

O MHN é posto em destaque, sobretudo em materiais de divulgação da escola, especialmente quando o objetivo é traçar um perfil histórico da instituição, em momentos comemorativos e de exaltação da memória da instituição escolar. Cabe aqui, pensar no que Ginzburg (2007) considera, segundo suas palavras, que não existem textos neutros, mesmo um inventário notarial implica um código que temos de decifrar.

Os dois papéis atribuídos ao museu e a seus agentes – ensino e pesquisa são valorizados nos escritos da escola. A partir desses materiais e outros escritos, mesmo não sendo neutros, possibilitaram reconstruir a história do Museu do Colégio

Anchieta, verificando através das suas práticas o lugar e a importância do museu para a História da Educação e para a História dos museus.

O trabalho de Padre Pio e Padre Rambo contribuiu para o ensino e para a ciência: para a disciplina de História Natural e para os estudos da natureza do Estado e do Brasil. Suas atuações demonstram a eficiência em conciliar as duas práticas – ensino e pesquisa científica, e, ainda, a valorização das ciências, próprio da formação da Ordem Jesuíta. Na esfera educativa, aplicaram as Lições de coisas, utilizando o método intuitivo a partir do acervo do MHN, atendendo às exigências do ensino na perspectiva de museu escolar e museu de História Natural ao mesmo tempo. Na esfera científica, o trabalho de ambos inseriu o Museu de História Natural do Colégio Anchieta nos rumos da produção em História Natural, constituindo-se em uma instituição científica associada às redes de comunicação com pesquisadores e instituições, no âmbito do processo internacional caracterizado como o “movimento dos museus” (LOPES, MURRIELO, 2005).

Assim, este capítulo abordou a criação do Museu de História Natural do Colégio Anchieta e seu papel no ensino e na pesquisa no âmbito das ciências, em que se pode destacar este último: o lugar e a importância do Museu de História Natural do Colégio Anchieta, atualmente denominado Museu Anchieta de Ciências Naturais, na produção de pesquisa científica e sua inserção na história dos Museus de História Natural brasileiros e em uma rede internacional de museus e de profissionais das ciências naturais.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação encerrou um processo de pesquisa ao qual me lancei, que se propôs a realizar no encontro dos campos da História da Educação e da Museologia o desafio de construir a história do Museu de História Natural do Colégio Anchieta como objetivo deste estudo, contribuindo para a história do ensino e dos museus.

Com a intenção de realizar um trabalho historiográfico sobre a história do Museu de História Natural do Colégio Anchieta, a busca de pistas suscitou investigar suas práticas. O Museu como “guardião” dos escritos da instituição conservou a partir desses indícios sua própria história, a ser revelada. Viu-se que a história do Museu se vinculava com a trajetória de seus agentes, em suas práticas voltadas para o ensino e para a pesquisa científica.

Nesta dissertação, foi possível confirmar alguns indícios encontrados em estudo anterior sobre o MHN, da sua importância fora da escola, ou seja, não só como um museu inserido em espaço escolar. Em uma aproximação com a documentação foi possível compreender aspectos significativos da sua história, que ao mesmo tempo iam deixando novas lacunas. Em busca de preenchê-las, outros documentos e artefatos foram declarando seu potencial histórico para o estudo. Estes reafirmaram a historicidade do próprio Museu, cuja história ajuda a compreender e a contar a história da criação dos primeiros museus brasileiros, que foram museus de História Natural.

Durante o processo de coleta de informações e de pesquisa, o encontro com a documentação, muitas vezes, se deu de forma inesperada, como a busca por um documento para confirmar a data da criação do museu, pois havia controvérsias. De forma não prevista, um relatório que esclarecia a dúvida preenchido pelo próprio fundador do Museu, Padre Pio Buck, foi encontrado em uma pasta de correspondências, deslocado de seu contexto.

Com a pesquisa, ao longo desse processo, foi-se observando, identificando e verificando aspectos pertinentes à história do museu, que levaram a constatações e ao final, a conclusões. Desse modo, como resultado dessa investigação retomo

informações e constatações que foram importantes neste percurso de pesquisa para construir a história deste Museu, pensando no que a trajetória do estudo possibilitou concluir.

Primeiramente, cabe salientar que o Museu do Colégio Anchieta é um museu de História Natural constituído em um espaço escolar. A sua fundação, em 1908, faz parte de um movimento mais amplo de criação de museus, no âmbito científico e educacional. Com o andamento da investigação, observou-se que estes dois aspectos também estavam associados à Ordem dos Jesuítas, a qual o Colégio pertence até hoje. Percebeu-se que a relação dos jesuítas com o ensino e as ciências podiam explicar a permanência do Museu, a qual está inegavelmente associada à inserção do Museu em uma escola jesuíta – e com quem atuava nele, pela formação intelectualizada dos seus agentes e de suas práticas, ambas voltadas para o ensino e para as ciências.

Dessa forma, buscou-se mais informações acerca da Ordem Jesuíta e verificou-se que desde sua origem estão presentes o ensino científico nos colégios jesuítas e a dedicação para as Ciências Naturais. Notou-se que ao retornarem ao Brasil, dentro do processo de restauração, os jesuítas fundaram escolas no sul do Brasil no âmbito do processo colonizatório alemão e nelas constituíram museus de História Natural.

Verificou-se que nos colégios jesuítas havia a tradição de estudos na área de Ciências Naturais, assim, as escolas para os jesuítas eram o lugar institucional de pesquisa científica. Dessa forma, os museus criados nas escolas tornaram-se lócus da ciência no âmbito do espaço escolar e do museu escolar, que associavam ensino e pesquisa. Essa tradição contribuiu para que o Museu de História Natural do Colégio Anchieta permanecesse, diferente da maioria dos museus criados no mesmo contexto, que foram desaparecendo. Desse modo, constatou-se que o Museu de História Natural do Colégio Anchieta foi o lugar institucionalizado para as práticas científicas dos seus pesquisadores, como o Pe. Pio Buck e o Pe. Balduino Rambo, ao qual este estudo deu ênfase.

Em relação ao ensino, verificou-se que a inserção do Museu de História Natural no Colégio Anchieta foi resultado da busca em atender às novas exigências

associada à tradição científica dos jesuítas, vinculada à modernidade pedagógica do ensino no contexto de uma sociedade científica. Verificou-se que o Museu do Colégio Anchieta, denominado de Museu de História Natural, foi constituído como um museu escolar, no âmbito das novas práticas pedagógicas, em sintonia com os padrões científicos e os estudos da natureza. Cabe salientar, que foi criado como um museu escolar e o seu acervo começou a ser constituído, primeiramente com exemplares coletados da natureza, o que deu início à coleção de insetos. Depois da sua fundação, o Museu começou a adquirir objetos industrializados para atender às exigências do ensino.

Desse modo, quanto ao uso do Museu, identificou-se que tinha duas funções: a função do ensino – como recurso pedagógico, cujo acervo didático era formado com exemplares da natureza e objetos industrializados, utilizados para a observação nas aulas das matérias de Ciências e História Natural; e a função de pesquisa, cujo acervo científico de exemplares da natureza era utilizado para o estudo científico. Assim, quanto a sua constituição, o Museu reunia acervo didático e científico, com carácter voltado para o ensino e para as ciências. Logo, identificou-se que o Museu tinha a missão de ensinar, coletar, organizar, catalogar, conservar e pesquisar.

Com base nas informações aportadas nos escritos, nas fotografias e nos artefatos localizados no Museu, constatou-se a importância do trabalho ali desenvolvido para o escopo dos museus escolares e das Ciências Naturais, possibilitando estabelecer relações entre essas duas tipologias – museus escolares e museus de História Natural.

A partir de artefatos visuais que tinham a função de recurso pedagógico visual, através dos quadros murais e dos compêndios didáticos, demonstrou-se a importância do Museu para o ensino de História Natural com a utilização do Método Intuitivo e sua aplicação para as Lições de Coisas. Observou-se que o Museu se equiparava com outros museus administrados pela Companhia de Jesus, o qual era enriquecido constantemente com novas aquisições e melhoramentos, atendendo também às prerrogativas do ensino, que “exigiam” alguns recursos pedagógicos.

Constatou-se que o Museu estava orientado para as novas concepções educativas e científicas como um museu escolar voltado para o ensino de História Natural e Ciências. Identificou-se que o Museu era uma exigência do Programa de Ensino do Colégio, mesmo nos períodos que não estava equiparado ao Ginásio Nacional, ou seja, sua inserção e manutenção na escola fazia parte da tradição jesuíta da escola.

Verificou-se que as atividades de Pe. Pio Buck e Pe. Balduino Rambo, como docentes e pesquisadores no Colégio, conformaram suas atuações no Museu de História Natural do Colégio Anchieta e a trajetória do mesmo, voltado para o ensino e para a pesquisa. Pe. Rambo é vinculado ao Museu de História Natural do Colégio Anchieta como responsável pela constituição do Herbário do Colégio junto ao museu. Pe. Pio Buck é associado ao Museu como seu fundador e responsável pela importante coleção de insetos e ampliação do acervo. Identificou-se que Pe. Rambo é mais vinculado com o trabalho de professor pela comunidade escolar, em relação ao Pe. Pio, o que se confirmou com seu destaque no ensino de História Natural, e pela elaboração dos compêndios didáticos que reuniram seu conhecimento didático e científico.

Observou-se que esses jesuítas, pertencentes a uma ordem intelectualizada, estavam aptos a atuarem no campo da educação e no campo científico. Nessa perspectiva, pode-se pensar suas práticas como sacerdotes, professores, cientistas e naturalistas. O foco deste estudo foi investigar suas atuações como professores e cientistas. Na perspectiva científica, através de suas atuações, o Museu se tornou relevante para a pesquisa de outros cientistas através de seu acervo. Na perspectiva do ensino, produziu compêndios didáticos para o ensino de História Natural, utilizados por outras instituições escolares. Percorrer a biografia e atuação desses cientistas do Museu de História Natural do Colégio Anchieta permitiu constatar que o Museu foi legitimado no campo da Educação e das Ciências, a partir das práticas de seus professores e pesquisadores.

A partir da investigação acerca da história do Museu de História Natural do Colégio Anchieta, chegou-se a algumas conclusões: o Museu se lançou para fora da escola, estabelecendo relações com o campo das ciências, relacionando-se com

o meio científico dos museus de História Natural; o “Museu Escolar de História Natural do Colégio Anchieta” se assemelha aos primeiros museus de História Natural criados no Brasil, em relação as suas práticas; a inserção do Museu no movimento internacional de criação de museus de educação e no movimento brasileiro de museus; e a importância do Museu no desenvolvimento das ciências naturais no extremo sul do Brasil, que o inseriu em uma rede de intercâmbios internacionais e de Museus. Portanto, os resultados dessa investigação possibilitaram constatar que o Museu de História Natural do Colégio Anchieta se insere na história dos museus brasileiros de educação e de ciências.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Manoel Ceciliano Salles de. Os jesuítas e a educação. *Revista de Cultura*, UFES, ano VI, n.15, ab./maio 1980.
- ALVES, Fabiano da Silva. *Estudo fitogeográficos na bacia hidrográfica do arroio Lajeado Grande – Oeste do RS*. Dissertação. (Mestrado). Universidade Federal de Santa Maria. Centro de Ciências Naturais e exatas. Programa de Pós-Graduação em Geografia e Geociências. 2008.
- ANCHIETANO UNISINOS. Instituto Anchieta de Pesquisas/UNISINOS. Publicações de Pesquisas. Apresentação – Homenagem ao fundador por Pedro Ignácio Schmitz S.J., 2005.
Disponível em: <<http://www.anchietano.unisinos.br/publicacoes/botanica/botanica56/botanica56.htm#01>>.
Acesso em: 11 nov. 2015.
- ARENDETT, Isabel Cristina. A atuação do Historiador junto a acervos universitários: caso do Memorial Jesuíta Unisinos. *XI Encontro Estadual de História: História, Memória e Patrimônio*. 23 a 27 de julho de 2012. Universidade Federal do Rio Grande. FURG.
- ATIVIDADES DO MUSEU. *Caderno de Registros*. 1936.
- BASTOS, Maria Helena Camara. Ferdinand Buisson no Brasil – pistas, vestígios e sinais de suas idéias pedagógicas no Brasil (1870-1900). *História da Educação*. ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas. p.79-109, set. 2000.
- _____, Maria Helena Câmara. *Pro Pátria Laboremus*: Joaquim José de Menezes Vieira (1848-1897). Bragança Paulista: EDUSF, 2002.
- _____, Maria Helena Camara. *A Revista do Ensino do Rio Grande do Sul (1939-1942): o novo e o nacional em revista*. Pelotas: Seiva Publicações. 2005.
- _____. A educação como espetáculo. In.: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara. *Histórias e memórias da Educação no Brasil*. Petrópolis: Vozes. 2005. v. 2. p. 116-131.
- _____. Método Intuitivo e Lições de Coisas por Ferdinand Buisson. *História da Educação*. (Online). Porto Alegre, v.7, n.39, jan./ab. 2013, p. 231-253.
Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2236-34592013000100013&script=sci_arttext>.
Acesso em: 27 ab. 2015.

BERRIO, Julio Ruiz. Hacia una tipología de los museus de educación. In: *El libro y La educación*. Alcalá: Asociación Nacional de Editores de libros y Materiales de Enseñanza, 2000.

BRASIL. Senado Federal. Secretaria de Informação Legislativa. Decreto n. 9.211, de 15 de dezembro de 1911.

Disponível em:

<<http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=53797>>.

Acesso em: 02 de set. 2016.

BREDEMEIER, Maria Luisa Lenhard. *O português como segunda língua nas escolas da imigração alemã: um estudo do jornal da Associação de professores teuto-Brasileiros católicos do Rio Grande do Sul (1900-1939)*. Tese. (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Unisinos. 2010. 242p.

BOHNEN, Aloysio; ULLMANN, Reinholdo Aloysio. *As atividades dos Jesuítas de São Leopoldo (1844 - 1989)*. São Leopoldo: Unisinos, 1989.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Difel, 1989.

BUCKUP, Ludwig. Como tudo começou. In: *Museu de Ciências Naturais: 50 anos pesquisando a biodiversidade gaúcha*. Porto Alegre: Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul. Museu de Ciências Naturais, (publicações avulsas FZB, 14), 2005, p. 10-15.

BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Trad. Sérgio Góes de Pauta. Rio de Janeiro: Zahar, 2005, 191p.

CADERNO DE LEMBRANÇAS do Colégio Anchieta aos alunos. 1919.

CADERNO DE REMESSAS do acervo natural. S/d.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

_____. A operação historiográfica. In: CERTEAU, Michel de. *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008, p.5-8, 23-107.

CHARTIER, Roger. *História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.

CHERVEL, André. *La culture scolaire: une approche historique*. Paris: Belin, 1998.

COLÉGIO ANCHIETA. Histórico de Relatórios. 1890-1964, 1964.

_____. Histórico de Relatórios. 1890-1965, 1965.

CORREIO DO POVO. Padre Pio Buck S.J. foi sepultado ontem. 22 de ago. 1972.

CRUZ, Alfredo Bronzato da Costa Cruz. O cotidiano e a prática arqueológica do Pe. João Alfredo Rohr em um conjunto de castas como o antropólogo Luiz de Castro Faria. *Revista Mosaico*, v. 5, n. 2, p.137-157, jul./dez.2012.

DALLABRIDA, Norberto. *A fabricação escolar das elites: o Ginásio Catarinense na Primeira República*. Florianópolis: Cidade Futura, 294 p, 2001.

_____. Das escolas paroquiais às PUCS: República, recatolização e escolarização. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara (orgs). *Histórias e memórias da educação no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2004, v.3, p. 77-86.

_____; MARTINI, Estela Maris Sartori. Colégios de elite distintos em gênero. *Educação Unisinos*, p.66-75, jan./abril 2010.

DUMORTIER, François Xavier; GIARD, Luce; LAURENT, Jean-Paulo; ROMANO, Antonella. *Tradição jesuítica: Pedagogia, espiritualidade, missão*. São Paulo: Edições Loyola, 2006. (original: 2002, Bruxelas).

ESTATÍSTICA dos museus. Relatório para Secretaria da Educação e Cultura do Rio Grande do Sul. Diretoria de Estatística Educacional- Órgão do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 1943.

FELGUEIRAS, Margarida Louro. Materialidade da cultura escolar: A importância da museologia na conservação/comunicação da herança educativa. *Pró-Posições* (Revista da Faculdade de Educação). UNICAMP. v. 16, nº 1 (46), jan./abr. ex. 1, p. 87-102. 2005.
Disponível em: <<http://www.proposicoes.fe.unicamp.br/~proposicoes/textos/46-dossie-felgueirasml.pdf>>. Acesso em: 21 jun. 2013.

_____. Herança educativa e museus: reflexões em torno das práticas de investigação, preservação, e divulgação histórica. *Revista Brasileira da História da Educação*. Campinas. SP, v. 11, nº 1 (25), jan./abr. 2011. p. 67-92.

FLECK, Eliane Cristina Deckmann. *Entre a Caridade e a Ciência: a prática missionária e científica da Companhia de Jesus*. São Leopoldo: Oikos; Unisinos, 2014.

FOLHA DA TARDE. Muita gente no adeus ao jesuíta amigo dos presos. 22 de agosto de 1972, p. 19.

FRANCO, José Luiz de Andrade; DRUMMOND, José Augusto. Frederico Carlos Hoehne: a autoridade de um pioneiro no campo da proteção à natureza do Brasil. *Ambiente & Sociedade*, v. VIII, n. 1, jan./jun. 2005.

GARCÍA, Susana V. Museos escolares, colecciones y la enseñanza elemental de las ciencias naturales em la Argentina de fines del siglo XIX. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.14, n.1, p.173-196, jan./mar. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v14n1/09.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2013.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, Emblemas e Sinais*. SP, Cia das Letras, 1990.

_____. *O fio e os rastros. Verdadeiro, falso, fictício*. Trad. de Rosa Freire d'Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GONÇALVES, José Reginaldo. Os museus e a cidade. In.: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário. (Orgs.). *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: Lamparina. 2009, p.171-186.

GUERRA, Marcolina João Espiguiinha. *Memória e materialidade no ensino niceal: um percurso pelo patrimônio e materiais didáticos do Liceu de Portalegre*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação). Especialização em História da Educação). Universidade de Lisboa. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. 2008.

G1.GLOBO. Escola encontra carta escrita por Einstein para alunos há quase 65 anos. Porto Alegre, 21 maio 2015. Acesso em 22 maio 2015.

Disponível em:

<<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2015/05/escola-do-rs-encontra-carta-escrita-por-einstein-para-alunos-ha-65-anos.html>>

HALBWACHS, Maurice. *Les cadres sociaux de la mémoire*. Paris: Felix Alcan, 1925.

HARTOG. François. Tempo e Patrimônio. *Varia História*. Belo Horizonte, v. 22, n. 36, jul./dez. 2006. p. 261-273.

JUNG, Heinrich; KOCH G. von; QUENTELL, Fr.. *Begleitheit zu den neuen Wandtafeln (zoologie und botanik) für den unterricht in der naturgeschichte*. Darnstadt: Jung. 1894.

KAHN, Pierre. Leçons de choses et enseignement des sciences en France à la fin du 19^e siècle: contribution à une histoire de la culture scolaire. *História Educação (Online)*. Porto Alegre, v.18, n.43, maio./ago. 2014, p.173-201.

KREUTZ, Lúcio. *Professor paroquial: magistério e imigração alemã*. Pelotas: Seiva, 2004.

KUHLMANN JR. Moysés. As exposições universais e a utopia do controle social. In: *Simpósio Nacional de História. História & utopias*. São Paulo: ANPUH, 1996, p. 164-171.

Disponível em:

<<http://anpuh.org/anais/wpcontent/uploads/mp/pdf/ANPUH.S17.15.pdf>>.

Acesso em: 31 out. 2013.

_____. O Pedagogium: sua criação e finalidades. In.: Ana Chrystina Venancio (Org). *Pedagogium: Símbolo da Modernidade Republicana*. Rio de Janeiro: Quartet: Faperj, p.25-42, 2013.

LEMA, Thales de. Rambo, uma grande personalidade. In: *Museu de Ciências Naturais: 50 anos pesquisando a biodiversidade gaúcha*. Porto Alegre: Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul. Museu de Ciências Naturais, (publicações avulsas FZB, 14), p. 16-25, 2005.

LEITE, Miriam L. Moreira. Naturalistas viajantes. *Hist. cienc. Saúde - Manguinhos*. Rio de Janeiro, vol.1. n.2 nov.1994/fev.1995.

LEITE, Luiz Osvaldo. *Jesuítas cientistas no sul do Brasil*. São Leopoldo: Unisinos, 2005.

LOPES, Maria Margaret. *O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX*. São Paulo: Hucitec, 1997.

_____; MURRIELLO, Sandra Elena. Ciências e educação em museus no final do Século XIX. *Ciências, Saúde – Manguinhos*. Rio de Janeiro. v.12 (suplemento), p. 13-30, 2005.

Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v12s0/01.pdf>>.

LORENZ, Karlz, M. Os livros didáticos e o ensino de ciências na escola secundária brasileira no século XIX. *Ciência e cultura*, n.38 (3), p. 426-435, mar. 1986.

LOUREIRO, José Mauro Matheus. Museu de Ciências, divulgação científica e hegemonia. *Ci. Inf, Brasília*, v.32, n.1, p.88-95, jan./abr. 2003.

MACHADO, Maria Cristina Gomes. O decreto de Leôncio de Carvalho e os pareceres de Rui Barbosa em debate: a criação da escola para o povo no Brasil no século XIX. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara (orgs). *Histórias e memórias da educação no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2004, v.2, p. 91-103.

MEMORIAL JESUÍTA. Unisinos. ARQUIVO Pe. Balduino Rambo, S.J. Atuação profissional e científica. Cientista Natural. Correspondências. Décadas de 1930 e 1940.

_____. Unisinos. ARQUIVO Pe. Balduino Rambo, S.J. Atuação profissional e científica. Cientista Natural. Publicações. 1935.

_____. Unisinos. ARQUIVO Pe. Balduino Rambo, S.J. Atuação profissional e científica. Cientista Natural. Fotografias. 1939.

_____. Unisinos. ARQUIVO Pe. Balduino Rambo, S.J. Atuação profissional e científica. Cientista Natural. Viagens. 1942.

MEMÓRIAS. Histórico do Colégio. 1961.

MENEZES, Naida; Leandro, TELLES. *O passar dos tempos e a Educação: a excelência na história do Colégio Farroupilha*. Edição comemorativa dos 150 anos da Associação Beneficente e Educacional de 1858. Porto Alegre: [s/ed.], 2012.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*. PUC/SP, n. 10, dez., p.1-178. 1993.

NÓVOA, António. Textos, imágenes y recuerdos. Escritura de "nuevas" historias de la educación. In: POPKEWITZ, Thomas S.; FRANKLIN, Barry M.; PEREYRA, Miguel A. (Orgs.). *Historia Cultural y educación: ensayos críticos sobre conocimiento y escolarización*. Barcelona, Mexico: Pomares, 2003. p. 61-103.

NUNES, Clarice. História da educação brasileira: novas abordagens de velhos objetos. *Teoria & Educação*, n.6, 1992, p. 151-182.

PAIVA, José Maria de. Igreja e Educação no Brasil Colonial. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara (orgs). *Histórias e memórias da educação no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2004, v.1, p.77-92.

PAZ, Felipe R. Contri. *Cultura visual e museus escolares: representações raciais no Museu Lassalista (Canoas, RS, 1925-1945)*. 2015, 189 f, Dissertação. (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. (Programa de Pós-Graduação em Educação), Porto Alegre, 2015.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e história cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PETRY, Marília Gabriela. *Da recolha à exposição: a constituição de museus escolares em escolas públicas primárias de Santa Catarina (Brasil-1911 a 1952)*.

2013, 222 f, Dissertação. (Mestrado em Educação). Universidade do Estado de Santa Catarina (Centro de Ciências Humanas e da Educação), Florianópolis, 2013.

_____, Marília Gabriela; SILVA, Vera Lucia Gaspar da. Museu escolar: sentidos, propostas e projetos para a escola primária (séculos 19 e 20). *Hist. Educ.* [online]. 2013, v.17, n.41, p. 79-101.

POGGIANI, Ana. Maria. L.. *Os museus escolares na primeira metade do século XX: sua importância na educação brasileira*. Dissertação. (Mestrado em Educação). Universidade Católica de Santos. 2011.

Disponível em:

<http://biblioteca.unisantos.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=329>.

Acesso em: 03 jul. 2013.

POMIAN, Krzysztof. História Cultural, História dos semióforos. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François (Org.). *Para uma história cultural*. Lisboa: Estampa, 1998. p. 71-95.

POPKEWITZ, Thomas. Currículo, cultura e poder. *Edu coleção*, Porto Alegre, n.5, p. 91-106, jan./1992.

POSSAMAI, Zita Rosane. *Nos bastidores do Museu: patrimônio e passado da cidade de Porto Alegre*. Porto Alegre: Est Edições, 2001.

_____. “Lição de Coisas” no museu: o método intuitivo e o Museu do Estado do Rio Grande do Sul, Brasil, nas primeiras décadas do século XX. In: *Arquivos Analíticos de Políticas Educativas*, v. 20, n. 43, 2012a.

_____. Patrimônio e História da Educação: aproximações e possibilidades de pesquisa. *História da Educação*, Santa Maria, RS, v. 16, n. 36, p.110-120, jan./abr. 2012b. Quadrimestral.

Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/gemmus/producao-intelectual/profa.-zita-possamai/patrimonio-e-historia-da-educacao-aproximacoes-e-possibilidades-de-pesquisa>>.

Acesso em: 24 nov. 2013.

_____. Olhares cruzados: Interfaces entre História, Educação e Museologia. *Museologia & Interdisciplinaridade*, v. 3, n. 6. 2014, p.17-32.

_____. Exposição, Coleção, Museu Escolar: ideias preliminares de um museu imaginado. *Educar em Revista*, Curitiba, Brasil, n. 58, p. 103-119, out./dez. 2015.

RAMBO, Arthur Blasio. Restauração católica no sul do Brasil. *Questões & Debates*. Curitiba, n.36, p. 279-304, 2002.

_____; GRÜTZMANN Imgart; ARENDT, Isabel Cristina (Orgs.). *Pe. Balduino Rambo - a pluralidade na unidade: memória, religião, cultura e ciência*. São Leopoldo: Unisinos, 2007, 220p.

RAMBO, Balduino. Finalidade das ciências naturais nos ginásios. *Revista do Ensino*, Porto Alegre, v.1, n. 3, p.178-181, nov. 1939.

_____. O ensino de História Natural. *Revista do Ensino*, Porto Alegre, v.3, ano 1, p. 203-204, jul./1940.

RAMBO, Balduino. *Martius*. São Paulo: Instituto Hans Staden.1952.

RELATÓRIO ANUAL. Colégio Anchieta.1908.

_____. Colégio Anchieta. 1912.

_____. Colégio Anchieta. 1913.

_____. Colégio Anchieta. 1914.

_____. Colégio Anchieta. 1922.

_____. Colégio Anchieta. 1926.

_____. Colégio Anchieta. 1928.

_____. Colégio Anchieta. 1932.

_____. Colégio Anchieta. 1937.

_____. Colégio Anchieta. 1938.

_____. Colégio Anchieta. 1940.

_____. Colégio Anchieta. 1942.

_____. Colégio Anchieta. 1943.

_____. Colégio Anchieta. 1959.

_____. Colégio Anchieta. 1966.

_____. Colégio Anchieta. 1960.

_____. Colégio Anchieta. 1962.

_____. Colégio Anchieta. 1966.

_____. Colégio Anchieta. 1967.

_____. Colégio Anchieta. 1972.

RELATÓRIO INSPEÇÃO. Colégio Anchieta para Ministério da Educação e Cultura. Diretoria do Ensino Secundário. 1937.

_____. Colégio Anchieta para Ministério da Educação e Cultura. Diretoria do Ensino Secundário. 1940.

_____. Colégio Anchieta para Ministério da Educação e Cultura. Diretoria do Ensino Secundário. 1942.

_____. Colégio Anchieta para Ministério da Educação e Cultura. Diretoria do Ensino Secundário. 1943.

REVISTA ANCHIETA. Colégio Anchieta: cem anos. Edição comemorativa dos 450 anos da Fundação da Companhia de Jesus. Porto Alegre. 1990.

_____. Publicação oficial do Colégio Anchieta. Museu Anchieta: uma jóia no sul do Brasil. 2008.

RÜCKERT, Fabiano Quadros. O ambiente em três escalas de análise. *Cadernos IHU*. Ano 13, n.51, p. 1-44, 2015.

RUSSIO, Waldisa. Museologia e museu. In: BRUNO, Maria Cristina de Oliveira; RUSSIO, Waldisa Camargo Guarnieri. *Textos e contextos de uma trajetória profissional*, São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo, ICOM Brasil, v. 1. 2010.

SANJAD, Nelson. *A coruja de Minerva*. O museu Paranaense entre o Império e a República (1866-1907). Brasília: Instituto Brasileiro de Museus; Belém: Museu Paraense Emilio Goeldi; Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2010.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos CHAGAS, Mario de Souza. A linguagem de poder dos museus. In.: ABREU, Regina; Mário de Souza Chagas; SANTOS, Myriam Sepúlveda dos. (Orgs.). *Museus, coleções e patrimônios: narrativas polifônicas*. Rio de Janeiro: GARAMOND, MincC/IPHAN/DEMU, 2007, p.12-19.

SCHELBAUER, Anaete Regina. O método intuitivo e Lições de coisas no Brasil do século XIX. In.: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara. *Histórias e memórias da Educação no Brasil*. Petrópolis: Vozes. 2005. v. 2. p.132-149.

SCHMITZ; Pedro Ignácio. João Alfredo Rohr: um jesuíta em tempo de transição. *Pesquisas, Antropologia*, São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, n. 67, p.9-22, 2009.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; DANTAS, Regina. O museu do imperador: quando colecionar é representar a nação. *Revista do IEB*, n. 46, p. 123-164, fev. 2008.

_____. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SILY, Paulo Rogério Marques. Práticas Educativas do Museu Nacional do Rio de Janeiro no início do século XX. In: V Congresso Brasileiro de História da Educação (CBHE). *Anais do V Congresso Brasileiro de História da Educação* (CBHE), Aracaju: CBHE, 2008.
Disponível em: <<http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe5/pdf/551.pdf>>.
Acesso em: 11 nov. 2014.

_____, Paulo Rogerio Marques. *Casa de Ciência, Casa de Educação: Ações educativas do Museu Nacional (1818-1935)*. Tese. (Doutorado em Educação). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2012.
Disponível em: <www.proped.pro.br/teses/teses_pdf/2008_1-431-DO.pdf>.
Acesso em: 10 dez. 2014.

SPHOR, Inácio. *Memória de 665 jesuítas da Província do Brasil Meridional: novembro de 1867 – novembro de 2011*. Porto Alegre: Padre Reus, 2011.

VALDEMARIN, Vera Teresa. Método intuitivo: os sentidos como janelas e portas que se abrem para um mundo interpretado. In: Souza, R.F.; Valdemarin, V. T.; Almeida, J.S. *O legado educacional do século XIX*. Araraquara: UNESP, p.63-105, 1998.

_____, Vera Teresa. Os sentidos e a experiência. In.: SAVIANI, Dermeval; et al. *O legado educacional do século XX no Brasil*. 2 ed. Campinas: Autores Associados, 2006.

VAZ; Francisco António Lourenço Vaz. O ensino dos jesuítas na universidade de Évora: uma leitura dos primeiros estatutos. *História da Educação*. Porto Alegre, v.20, n.48, p.159-174, jan./abr. 2016.

VIDAL, Diana Gonçalves. Por uma pedagogia do olhar: os museus escolares no fim do século XIX. In: VIDAL, Diana Gonçalves; SOUZA, Maria Cecília Cortez Christiano de Souza (Orgs.). In: *A memória e a sombra: a escola brasileira entre o Império e a República*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p.107-115.

_____. Os tempos e os espaços escolares no processo de institucionalização da escola primária no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*. mai./jun./jul./ago. 2000, p.19-35.

_____. Museus pedagógicos e escolares: inovação pedagógica e cultura material escolar no Império Brasileiro. In: *História e historiografia da educação ibero-americana: projeto, sujeitos e práticas*. Rio de Janeiro: Quartet/Faperj/SBHE, 2012, p. 197-211.

VIÑAO, Antonio, La historia material e inmaterial de la escuela: memoria, patrimonio y educación. *Educação*, Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 7-17, jan./abr. 2012. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/10351>>. Acesso em: 01 nov. 2013.

WERLE, André Carlos. Jesuítas alemães e o projeto de uma colônia étnica e religiosamente homogênea no extremo oeste catarinense: Porto Novo (Itapiranga). *Cadernos do CEOM*, Chapecó, ano 16, n.15, p.16-29, jun./2002.

WERNET, Augustin. Crise e definhamento das tradicionais ordens monásticas brasileiras durante o século XIX. *Revistas Inst. Est. Bras. SP*, n.42, p.115-131, 1997. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rieb/article/viewFile/73464/77186>>. Acesso em: 14 jan.2016.

WITT, Nara Beatriz. *Ensino ou Memória: (In) visibilidades dos museus escolares em Porto Alegre/RS*. 2013, 127 f, Monografia (Graduação em Museologia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação), Porto Alegre, 2013.

_____; POSSAMAI, Zita Rosane. Ensino e Memória: os museus em espaço escolar. *Cadernos do CEOM*. Chapecó, v. 29, n. 44, p. 7-15, 2016.